



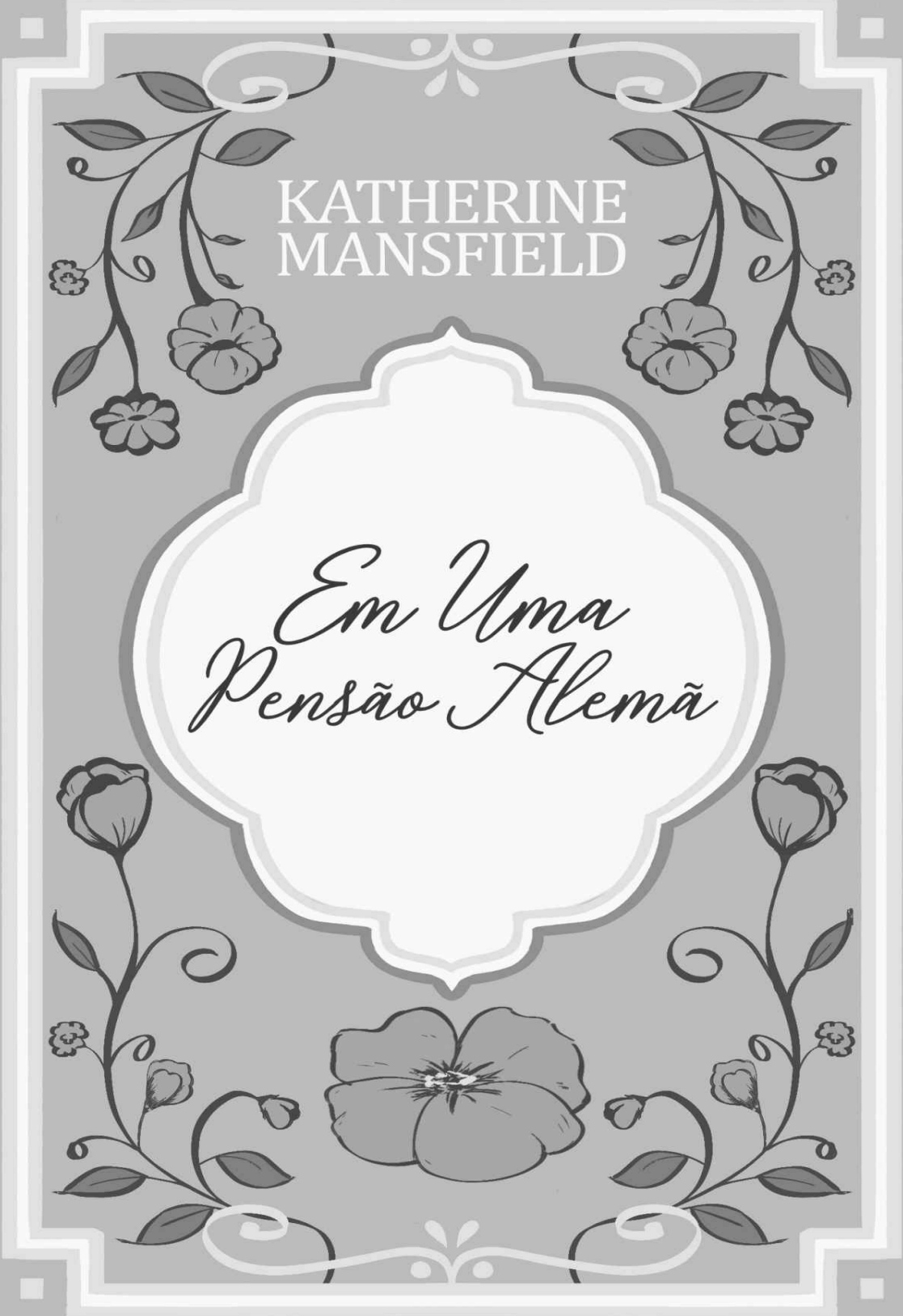
KATHERINE
MANSFIELD

*Em uma
Pensão Alemã*



Em uma pensão alemã

Katherine Mansfield



KATHERINE
MANSFIELD

*Em Uma
Pensão Alemã*

Ficha catalográfica e ISBN

Título original: In a german pension

Autora: Katherine Mansfield

Copyright da tradução: Vanessa Rodrigues Thiago

Tradução (em ordem alfabética):

Ananda Alves

Diego Aguiar Vieira

Elizabeth Sucupira

Júlia Côrtes Rodrigues

Júlia Kohlrausch da Rosa

Tatiana Fernandes Guedes

Vanessa Rodrigues Thiago

Organização e preparação: **Vanessa Rodrigues Thiago**

Revisão: **Júlia Côrtes Rodrigues e Tatiana Fernandes Guedes**

Capa: **Julia Kohlrausch da Rosa**

M287 Mansfield, Katherine

Em uma pensão alemã / Katherine Mansfield ;
Organizadora: Vanessa Rodrigues Thiago ; Tradução:
Ananda Alves... [et al.]. - São Paulo: Edição do
organizador, 2024.

85 p.

Tradução de: In a german pension
ISBN: 978-65-00-93539-4

1. Contos neozelandeses. 2. Literatura inglesa. 3.
Ficção. I. Mansfield, Katherine. II. Título.

CDU 823

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura neozelandesa 823

Michael Baleeiro Bonfim - Bibliotecário - CRB-8: 010586/O

Sumário

[Sobre a autora](#)

[Alemães à mesa](#)

[O Barão](#)

[A irmã da baronesa](#)

[*Frau* Fisher](#)

[*Frau* Brechenmacher vai a um casamento](#)

[A alma moderna](#)

[No café dos “Lehmann”](#)

[No Luft Bad](#)

[Um nascimento](#)

[A Criança-que-estava-cansada](#)

[A dama ousada](#)

[O balanço do pêndulo](#)

[Uma chama](#)

[Sobre este projeto](#)

Sobre a autora

Por Júlia Côrtes Rodrigues

“Tenho paixão pela técnica”, escreveu Katherine Mansfield, no ano de 1916, em seus cadernos pessoais. “Quero escrever uma espécie de longa elegia... talvez não em forma de poesia, tampouco em prosa. Quase certamente numa espécie de *prosa especial*”. Esse fragmento resume o trânsito da autora por diversos gêneros em sua dedicação vitalícia à escrita literária. Nascida na Nova Zelândia em 1888, Mansfield é um dos grandes nomes do modernismo de língua inglesa e é, hoje, celebrada no mundo todo como uma mestra da narrativa curta. Criadora de ensaios, contos e poemas, além de uma extensa produção de diários e cartas, teve uma sensibilidade abrangente empenhada em experimentar. É considerada uma pioneira da escrita do fluxo de consciência e uma das autoras mais talentosas em sua execução. Suas histórias captam múltiplos matizes de humor das personagens (com frequência, femininas) em situações do cotidiano. Ao mesmo tempo, a pena de Mansfield é irônica e não poupa acidez na abordagem das convenções sociais na esfera da classe média.

Passou boa parte da vida na Inglaterra, onde recebeu educação formal no Queen’s College, e se aproximou do célebre grupo de Bloomsbury. Foi leitora de seus contemporâneos, além de Oscar Wilde, de diversos poetas franceses e de Anton Tchekhov, cujo trabalho conheceu durante sua estadia na Bavaria, e que foi um autor de destaque em seu cânone pessoal. No Brasil, é frequentemente lembrada como uma referência para grandes escritoras nacionais, como Clarice Lispector e Ana Cristina Cesar (esta última traduziu o conto *Bliss* e produziu uma dissertação de mestrado sobre Mansfield para a Universidade de Essex, na Inglaterra). Também escreveu “Festa no jardim”, “A casa de bonecas”, “Prelúdio”, “*Je ne parle pas français*” e outras histórias.

Katherine faleceu na França precocemente aos trinta e quatro anos, em decorrência de uma longa tuberculose pulmonar, no ano de 1923.

Alemães à mesa

Tradução: Ananda Alves

Sopa de pão foi servida.

— Ah — disse *Herr* Rat, inclinando-se sobre a mesa enquanto espiava o interior da terrina —, é disso que eu preciso. Minha pança não está das melhores há vários dias. Sopa de pão, e na consistência certa. Eu também sou um bom cozinheiro — disse, virando-se para mim.

— Que interessante — repliquei, tentando transmitir a dose certa de entusiasmo em minha voz.

— Ah, sim... isso é necessário, quando não se é casado. Quanto a mim, tive tudo o que quis das mulheres sem me casar. — Ele enfiou o guardanapo no colarinho e soprou a sopa enquanto falava. — Agora, às nove horas, preparo um café da manhã inglês para mim, mas não muito. Quatro fatias de pão, dois ovos, duas fatias de presunto frio, um prato de sopa, duas xícaras de chá... isso não é nada para você.

Ele afirmou isso com tanta veemência que não tive coragem de discordar.

De repente, todos os olhares se voltaram para mim. Senti que carregava o fardo da extravagante refeição do meu país — eu, que bebia uma xícara de café enquanto abotoava a blusa de manhã.

— Absolutamente nada — gritou *Herr* Hoffmann, de Berlim. — Ah, eu costumava comer de manhã quando estava na Inglaterra.

Ele levantou os olhos e o bigode, secando as gotas de sopa do casaco e do colete.

— Eles realmente comem tanto assim? — perguntou *Fräulein* Stiegelauer. — Sopa e pão de padaria e carne de porco, chá e café e

compota de frutas, mel e ovos, peixe frio e rins, peixe quente e fígado? Todas as mulheres comem também, principalmente as mulheres.

— Certamente. Eu mesmo percebi isso quando morava em um hotel em Leicester Square — exclamou *Herr Rat*. — Era um bom hotel, mas eles não sabiam fazer chá... agora...

— Ah, chá é uma coisa que eu *sei* fazer — falei, rindo com alegria. — Sei fazer um chá muito bom. O grande segredo é esquentar o bule.

— Esquentar o bule — interrompeu *Herr Rat*, afastando o prato de sopa. — Por que você faz isso? Rá! Rá! Essa foi boa! Suponho que não se coma o bule, não é mesmo?

Seus olhos azuis e frios me fitaram com uma expressão que sugeria mil invasões premeditadas.

— Então esse é o grande segredo do seu chá inglês? Tudo o que você faz é esquentar o bule.

Tive vontade de dizer que esse era apenas o primeiro passo, mas não consegui traduzir e, por isso, fiquei em silêncio.

O criado serviu vitela, *sauerkraut* e batatas.

— Como chucrute com o maior prazer — disse o Viajante do Norte da Alemanha —, mas agora já comi tanto que não vou conseguir. Terei que...

— Um lindo dia — exclamei, virando-me para *Fräulein Stiegelauer*. — Acordou cedo?

— Às cinco, caminhei por dez minutos na grama molhada. Voltei para a cama. Às cinco e meia, peguei no sono e acordei às sete, quando tomei um banho rápido! Voltei para a cama. Às oito, fiz uma compressa de água gelada, e às oito e meia, tomei uma xícara de chá de menta. Às nove, tomei um pouco de café maltado e comecei a minha “cura”. Passe-me o chucrute, por favor. Você não come?

— Não, obrigada. Ainda acho um pouco forte.

— É verdade — perguntou a Viúva, usando um grampo de cabelo para palitar os dentes enquanto falava —, que você é vegetariana?

— Ora, sim. Não como carne há três anos.

— Impossível! Você tem família?

— Não.

— Ora, veja, é por isso! Onde já se viu ter filhos comendo apenas vegetais? Não é possível. Mas atualmente as famílias não são grandes na Inglaterra. Suponho que vocês estejam ocupados demais com as sufragistas. Já eu tive nove filhos e todos estão vivos, graças a Deus. Bebês lindos e saudáveis, mesmo que, depois do nascimento do primeiro, eu tenha...

— Que *maravilhoso*! — exclamei.

— Maravilhoso — retrucou a Viúva desdenhosamente, recolocando o grampo no coque no topo da cabeça. — De jeito nenhum! Uma amiga teve quatro ao mesmo tempo. O marido dela ficou tão satisfeito que ofereceu um jantar e colocou as crianças sobre a mesa. É claro que ela se sentiu muito orgulhosa.

— A Alemanha — vociferou o Viajante, mordendo uma batata que havia espetado com a faca —, é o berço da família.

Fez-se um silêncio apreciativo.

Foi então servido carne bovina, groselha e espinafre. Eles limparam os garfos no pão preto e continuaram.

— Quanto tempo você vai passar aqui? — perguntou *Herr Rat*.

— Não sei ao certo. Devo voltar a Londres em setembro.

— Você visitará München, certamente.

— Receio que não terei tempo. Veja, é importante não interromper a minha “cura”.

— Mas *precisa* ir. Você não esteve na Alemanha se não visitou München. Todas as exposições, toda a vida artística e espiritual do país estão lá. Em agosto, tem o Festival de Wagner e Mozart, e uma coleção japonesa de fotografias... e cerveja! Você não sabe o que é uma boa cerveja até visitar München. Ora, vejo belas damas todas as tardes, mas belas damas, eu lhe digo, bebendo em copos muito altos. — Ele mostrou com as mãos a altura de um jarro de lavatório, e eu sorri.

— Se eu beber muita cerveja de Munique, acabo suando demais — disse *Herr Hoffmann*. — Quando estou aqui, no campo ou antes do banho, também suar, mas eu gosto. Não é a mesma coisa na cidade.

Influenciado pela ideia, ele enxugou o pescoço e o rosto com o guardanapo e limpou cuidadosamente as orelhas.

Um prato de vidro com damascos cozidos foi servido à mesa.

— Ah, fruta! — disse *Fräulein Stiegelauer*. — Isso é muito necessário para a saúde. O médico me disse esta manhã que quanto mais frutas eu puder comer, melhor.

Ela muito obviamente seguiu o conselho.

O Viajante disse:

— Suponho que você também esteja com medo de uma invasão, não é? Ah, isso é bom. Tenho lido tudo sobre o papel dos ingleses em um jornal. Você viu?

— Sim. — Endireitei-me na cadeira. — Garanto que não temos medo.

— Bem, então você deveria ter — replicou *Herr Rat*. — Vocês não têm nenhum exército... somente alguns meninos com as veias entupidas de nicotina.

— Não tenha medo — disse *Herr Hoffmann*. — Não queremos a Inglaterra. Se fosse o caso, já a teríamos há muito tempo. Não queremos

mesmo vocês.

Ele agitou alegremente a colher, olhando para mim como se eu fosse uma criança que ele manteria ou descartaria como bem entendesse.

— Com certeza não queremos a Alemanha — falei.

— Esta manhã, me banhei pela metade. Então, esta tarde, devo lavar os joelhos e os braços — disse *Herr Rat*. — Então, farei meus exercícios por uma hora, e pronto. Uma taça de vinho e alguns pãezinhos com sardinha...

Um bolo de cereja com chantili foi servido.

— Qual é a carne preferida do seu marido? — perguntou a viúva.

— Eu realmente não sei — respondi.

— Não sabe mesmo? Há quanto tempo está casada?

— Três anos.

— Não pode estar falando sério! Você não teria dado conta dos afazeres da casa como esposa por uma semana se não soubesse disso.

— Eu realmente nunca perguntei; ele não é exigente com comida.

Fez-se uma pausa. Todos olharam para mim, balançando a cabeça, a boca cheia de sementes de cerejas.

— Não é de se admirar que na Inglaterra se repitam as coisas terríveis de Paris — disse a Viúva, dobrando o guardanapo. — Como uma mulher pode esperar manter o marido se ela não sabe qual é a comida favorita dele depois de três anos?

— *Mahlzeit!*

— *Mahlzeit!*

Fechei a porta atrás de mim.

O Barão

Tradução: Vanessa Rodrigues Thiago

— Quem é ele? — perguntei. — E por que sempre está sentado sozinho, virado de costas para nós?

— Ah! — suspirou *Frau* Oberregierungsrat. — Ele é um *Barão*.

Ela olhou para mim de uma forma muito solene, embora com um pequeno sinal de desprezo — uma expressão de “como-não-reconhece-isso-à-primeira-vista”.

— Mas, pobre alma, ele não pode evitar — disse eu. — Certamente esse infortúnio não deveria excluí-lo de trocas intelectuais.

Se não estivesse segurando um garfo, acredito que ela teria feito o sinal da cruz.

— Claro que você não entendeu. Ele é um dos Primeiros Barões.

Mais do que um pouco nervosa, ela se virou e falou com *Frau* Doktor, que estava à sua esquerda.

— Minha omelete está sem gosto. Sem gosto — protestou ela. — E essa é a terceira que experimento!

Olhei para o Primeiro dos Barões. Ele estava comendo salada — pegava uma alface inteira com seu garfo, mordiscando lentamente, como se fosse um coelho. Um processo fascinante de observar.

Pequeno e franzino, com os cabelos pretos ralos e barba, uma pele amarelada, ele invariavelmente usava roupas em sarja preta, uma camisa de linho grosseira, sandálias pretas e os maiores óculos de aros pretos que eu já tinha visto.

Herr Oberlehrer, sentado à minha frente, deu um sorriso benévolo.

— Deve ser muito interessante para você, *gnädige Frau*, poder observar... claro que esta é *uma casa muito bela*. Uma senhora da corte espanhola esteve aqui no verão; tinha um problema de fígado. Conversamos muitas vezes.

Eu parecia grata e humilde.

— Agora, na Inglaterra, em suas estalagens, não se encontra uma Primeira Classe, como na Alemanha.

— Não, de fato — respondi, ainda hipnotizada pelo Barão, que parecia um pequeno bicho-da-seda amarelo.

— O Barão vem todos os anos — prosseguiu *Herr Oberlehrer* —, por causa de seus nervos. Ele nunca falou com nenhum dos hóspedes... *até agora*. — Um sorriso cruzou seu rosto. Eu parecia poder visualizar sua ânsia por alguma esplêndida reviravolta naquele silêncio, uma deslumbrante troca de cortesias em um futuro obscuro, um esplêndido sacrifício de um jornal a este Exaltado, um *danke schön* a ser transmitido às gerações futuras.

Naquele momento, o carteiro, parecendo um oficial do exército alemão, entrou com a correspondência. Ele jogou minhas cartas no meu pudim de leite e depois se virou para uma atendente e sussurrou. Ela se retirou às pressas. O gerente da pensão entrou com uma bandejinha. Nela foi depositado um cartão postal ilustrado e, inclinando a cabeça com reverência, o gerente levou-o ao Barão.

Eu fiquei desapontada pela falta de uma saudação de vinte e cinco tiros.

No final da refeição fomos servidos com café. Notei que o Barão pegou três torrões de açúcar, colocou dois na xícara e embrulhou o terceiro num canto de seu lenço. Era sempre o primeiro a entrar na sala de jantar e o

último a sair; e, numa cadeira vazia ao seu lado, colocava uma pequena bolsa preta, de couro.

À tarde, debruçada na janela, eu o vi passar pela rua, andando trêmulo e carregando a bolsa. Cada vez que passava por um poste, encolhia-se um pouco, como se esperasse que aquilo o atingisse, ou talvez pela sensação de contaminação plebeia...

Fiquei me perguntando para onde iria e por que carregava a bolsa. Nunca o tinha visto no Cassino ou na Casa de Banhos. Ele parecia desamparado, seus pés escorregavam nas sandálias. Fiquei com pena do Barão.

Naquela noite, um grupo de nós estava reunido no salão discutindo a “cura” do dia com uma animação febril. *Frau* Oberregierungsrat sentou-se ao meu lado tricotando um xale para a mais nova de suas nove filhas, que estava naquela condição muito interessante e delicada...

— Mas certamente, tudo ocorrerá de uma maneira plenamente satisfatória — ela me disse. — A querida se casou com um banqueiro, o desejo de sua vida.

Devíamos ser oito ou dez reunidas, nós que éramos casadas trocando confidências sobre a roupa íntima e as características peculiares de nossos maridos, as solteiras discutindo sobre o excesso de roupa e os fascínios peculiares dos possíveis pretendentes.

— Eu mesmo os tricotei — ouvi *Frau* Lehrer gritar —, de lã grossa e cinzenta. Ele usa um por mês, com duas golas macias.

— E então — sussurrou *Fräulein* Lisa — ele me disse: Você realmente me agrada. Talvez eu escreva para sua mãe.

Não é de admirar que estivéssemos um pouco excitadas, um pouco combativas.

De repente a porta se abriu e o Barão entrou.

Seguiu-se um silêncio completo e mortal.

Ele entrou devagar, hesitou, pegou um palito de dentes de um prato em cima do piano e saiu novamente.

Quando a porta foi fechada demos um grito triunfante! Foi a primeira vez que ele entrou no salão. Quem poderia dizer o que o Futuro reservava?

Os dias se transformaram em semanas. Ainda estávamos juntos, e a pequena figura solitária, de cabeça baixa como se estivesse sob o peso dos óculos, ainda me assombrava. Ele entrava com a bolsa preta, retirava-se com a bolsa preta — e era tudo.

Por fim, o gerente da pensão nos informou que o Barão partiria no dia seguinte.

— Oh — pensei —, certamente ele não pode mergulhar no esquecimento, partir sem uma palavra! Certamente ele cumprimentará *Frau* Oberregierungsrat ou *Frau* Feldleutnantswitte uma vez antes de partir.

Na noite anterior, choveu forte. Fui até o correio e, enquanto estava nos degraus, sem guarda-chuva, hesitando antes de mergulhar na estrada lamacenta, uma vozinha hesitante pareceu vir de debaixo do meu cotovelo.

Eu olhei para baixo. Era o Primeiro dos Barões com a bolsa preta e o guarda-chuva. Eu estava louca? Eu estava sã? Ele estava se oferecendo para compartilhar o segundo item. Mas fui extremamente gentil, um pouco tímida, apropriadamente reverente. Juntos, caminhamos pelas poças e pela lama.

Agora, há algo peculiarmente íntimo em compartilhar um guarda-chuva.

É provável que você coloque na mesma categoria de escovar o casaco de um homem para ele, um pouco ousado, ingênuo.

Eu ansiava por saber por que ele ficava sentado sozinho, por que carregava a bolsa, o que fazia o dia todo. Mas ele próprio forneceu algumas informações.

— Temo — disse ele —, que minha bagagem fique úmida. Invariavelmente carrego comigo nesta bolsa o pouco de que necessito, pois os criados não são confiáveis.

— Uma ideia sábia — respondi. E então: — Por que você nos negou o prazer...

— Sento-me sozinho para comer mais — disse o Barão, olhando para o crepúsculo. — Meu estômago precisa de muita comida. Peço porções duplas e como em paz.

O que finalmente soou baronial.

— E o que você faz o dia todo?

— Consumo comida no meu quarto — respondeu ele, numa voz que encerrou a conversa e quase a fez se arrepender do guarda-chuva.

Quando chegamos à pensão, quase houve um imenso tumulto.

Subi correndo até a metade da escada e agradei ao Barão em voz alta no patamar.

Ele respondeu claramente:

— Não por isso!

Foi muito gentil da parte do *Herr* Oberlehrer ter me enviado um buquê naquela noite, e a *Frau* Oberregierungsrat me pediu meu molde de gorro de bebê!

No dia seguinte o Barão partiu.

Sic transit gloria German mundi.

A irmã da baronesa

Tradução: Diego Aguiar Vieira

— Há dois novos hóspedes chegando esta tarde — disse o gerente da pensão, colocando uma cadeira para mim na mesa do café da manhã. — Só recebi a carta me informando do fato esta manhã. A Baronesa von Gall enviou sua filhinha, a pobre criança é muda, para receber a “cura”. Ela deve ficar conosco por um mês, e então a própria Baronesa virá.

— Baronesa von Gall — gritou a *Frau* Doktor, entrando na sala enquanto aprovava a menção ao nome. — Vindo pra cá? Tinha um retrato dela ainda semana passada no Esportes e Festividades. Ela é amiguinha da Corte: ouvi dizer que a *Kaiserin* diz “sim” pra tudo que ela pede. Mas isso é maravilhoso! Vou seguir o conselho do meu médico e passar mais seis semanas aqui. Não há nada como estar entre os jovens.

— Mas a criança é muda — arriscou o gerente, desculpando-se.

— E daí? Qual o problema? As crianças com problemas são bonitas do seu jeitinho.

Cada hóspede que entrava na sala do café da manhã era bombardeado com a esplêndida notícia: a Baronesa von Gall está enviando sua filhinha para cá; a própria Baronesa virá daqui a um mês. Café e pãezinhos assumiram a natureza de uma orgia. Nós cintilamos positivamente. As anedotas dos Bem-Nascidos foram derramadas, adoçadas e bebidas: nós nos encharcamos com os escândalos da Alta-Roda generosamente amanteigados.

— Elas devem ficar no quarto ao lado do seu —, disse o gerente, dirigindo-se a mim. — Gostaria de saber se me permite tirar o retrato da *kaiserin* Elizabeth da sua cabeceira para pendurá-lo sobre o sofá delas.

— Sim, claro, uma coisa familiar — disse a *Frau* Oberregierungsrat, dando um tapinha na minha mão — e que talvez não tenha sentido nenhum para você.

Senti-me um pouco sufocada. Não com a perspectiva de perder aquela visão de diamantes e busto de veludo azul, mas com o tom — que me excluía — que me marcava como estrangeira.

Dissipamos o dia com especulações válidas. Decididas que estava muito quente para caminhar à tarde, deitamo-nos em nossas camas, juntando forças para o café vespertino. E uma carruagem se aproximou da porta. Uma jovem alta saiu, trazendo uma criança pela mão. Elas entraram no salão, sendo recebidas e levadas até o quarto. Dez minutos depois, ela desceu com a criança para assinar o livro de registros. A moça usava um vestido preto, muito justo, retocado na garganta e nos pulsos por babados brancos. Seu cabelo castanho, trançado, estava amarrado com um laço preto — estranhamente pálido —, e havia uma verruginha em sua bochecha esquerda.

— Eu sou a irmã da baronesa von Gall — disse ela, experimentando a caneta em um pedaço de papel do mata-borrão e sorrindo para nós de forma depreciativa. Mesmo para os mais cansados de nós, a vida guarda seus momentos emocionantes. Duas baronesas em dois meses! O gerente imediatamente saiu da sala para encontrar uma nova pena.

Aos meus olhos plebeus, aquela criança atormentada era de uma feiura sem paralelos. Tinha o ar de ter sido perpetuamente envolta em capas e roupas que a isolavam do mundo, com seus cabelos parecendo lã cinza — assim como suas vestes, um avental tão rigidamente engomado que ela só podia olhar para nós por cima dos babados — a barreira social de um avental — de forma que talvez fosse demais esperar que uma tia nobre se

desse ao trabalho de dar atenção às orelhas de sua sobrinha. Mas uma sobrinha muda com orelhas sujas me pareceu muito deprimente.

Elas receberam lugares na cabeceira da mesa. Por um momento, todos nos olhamos com uma expressão de *mi-nha-mãe-man-dou-eu-es-co-lher-es-sa-da-qui*. Então *Frau* Oberregierungsrat disse:

— Espero que não esteja cansada depois da viagem.

— Não — disse a irmã da baronesa, sorrindo para o copo.

— Espero que a querida criança não esteja cansada — disse a *Frau* Doktor.

— Que nada.

— Que bom, espero que durma bem esta noite — disse *Herr* Oberlehrer numa reverência.

— Sim.

O poeta de Munique não tirou os olhos daquelas duas. Ele permitiu que a gravata absorvesse a maior parte do café enquanto olhava para elas com muita emoção.

Pégaso desembestado, pensei. Estertores de suas Odes à Solidão! Havia possibilidade naquela jovem para servir de inspiração, para não mencionar de devoção, e a partir daquele momento seu temperamento sofredor tomou o rumo da cama.

Elas se retiraram após a refeição, deixando-nos discuti-las à vontade.

— Há uma semelhança — ponderou a *Frau* Doktor. — Muita. Que jeito o dela. Um jeitinho reservado, com tanta ternura com a criança.

— Pena que ela tenha a criança pra cuidar — exclamou o aluno de Bonn. Até então, ele contava com três cicatrizes e uma gravata para chamar atenção, mas a irmã de uma baronesa exigia mais do que isso.

Dias fascinantes se seguiram. Se ela tivesse nascido um pouco menos bonita, não poderíamos ter suportado a conversa contínua sobre ela, as canções em seu louvor, o relato detalhado de seus movimentos. Mas ela graciosamente sofreu nossa adoração e ficamos mais do que contentes.

E o poeta logo se pôs à sua disposição. Ele carregava os livros dela quando íamos caminhar, ele colocava a coitadinha no joelho — tirando uma licença poética, por assim dizer — e uma manhã trouxe seu caderno para o salão e leu para nós.

— A irmã da baronesa me garantiu que vai para um convento — disse ele. (Isso fez com que o aluno de Bonn se sentasse.) — Escrevi estas poucas linhas ontem à noite da minha janela no ar doce da noite...

— Ó, seu peito *delicado* — comentou *Frau Doktor*.

Ele fixou-lhe um olhar rígido como rocha e ela corou.

— Escrevi estas linhas:

Ah, você vai para um convento voar,
tão jovem, tão fresca, tão bela?
Pois que salte como uma corça campestre
e encontre sua beleza por lá.

Nove versos igualmente adoráveis a conduziram a uma ação igualmente violenta. Estou certa de que, se ela tivesse seguido o conselho dele, nem mesmo o resto da sua vida num convento lhe teria dado tempo para recuperar o fôlego.

— Eu a presenteei com uma cópia — disse ele. — E hoje vamos procurar flores silvestres na floresta.

O aluno de Bonn se levantou e saiu da sala. Implorei ao poeta que repetisse os versos mais uma vez. No final do sexto verso, vi da janela a

irmã da baronesa e a jovem lesada desaparecendo pelo portão da frente, o que fez com que eu agradecesse ao poeta tão encantadoramente por ter se oferecido para me redigir uma cópia.

Mas vivíamos sob uma pressão muito alta naqueles dias. Passando da nossa humilde pensão para os altos muros dos palácios, como poderíamos evitar a queda? No fim duma tarde, *Frau* Doktor veio até mim na sala de escrita e me confiou algo.

— Ela andou me contando tudo sobre a vida dela — sussurrou *Frau* Doktor. — Ela veio ao meu quarto e se ofereceu para massagear meu braço. Você sabe, eu sou uma grande vítima do reumatismo. E, olha que chique, ela já teve seis propostas de casamento. Pedidos tão bonitos que eu até chorei — e todos de gente bem-nascida. Minha querida, a mais bonita aconteceu numa floresta. Não que eu não ache que uma proposta deva ocorrer em uma sala de estar — é mais adequado ter quatro paredes —, mas esta era uma floresta privada. Ele disse, o jovem oficial, que ela era como uma árvore jovem cujos galhos nunca haviam sido tocados pela mão implacável do homem. Quão delicado! — ela suspirou e ergueu os olhos.

— É claro que é difícil pra vocês ingleses entenderem quando estão sempre expondo as pernas em campos de críquete e criando cães no quintal. Que triste isso! A juventude deve ser como uma rosa selvagem. Quanto a mim, não entendo como suas mulheres se casam.

Ela balançou a cabeça tão violentamente que eu também balancei a minha, e uma tristeza se instalou em meu coração. Parecia que estávamos muito mal. O espírito romântico abriu suas asas rosadas apenas sobre a aristocrática Alemanha?

Fui para o meu quarto, amarrei um lenço rosa no cabelo e levei um volume dos versos de Mörike para o jardim. Um grande arbusto de lilases roxas crescia atrás da casa de veraneio. Lá me sentei, encontrando um triste

significado na delicada sugestão de meio luto. Comecei a escrever um poema.

Eles balançam e definham sonhadoramente,
e nós, apertados, nos beijamos por lá.

Acabou! “Apertados” não soava nada fascinante. Saboroso como um guarda-roupas. Minha rosa selvagem já deixava um rastro sobre a poeira? Mastiguei uma folha e abracei os joelhos. Então — momento mágico — ouvi vozes da casa de veraneio, da irmã da baronesa e do aluno de Bonn.

Fofoca de segunda mão era bom, mas de primeira é melhor; quis ouvir tudo.

— Que mãozinhas você tem — disse o aluno de Bonn. — São como lírios brancos deitados na piscina do seu vestido preto.

Isso certamente parecia pra valer. Sua resposta nobre foi o que me interessou. Apenas um suspiro simpático.

— Posso segurar uma?

Ouvi dois suspiros — presumo que ele a segurou —, ele havia vasculhado as águas escuras de uma nobre flor.

— Veja só como tenho uns dedões perto dos seus.

— Mas eles são belamente asseados — disse a irmã da baronesa timidamente.

Que sirigaita! O amor era então uma questão de manicure?

— Como eu adoraria te beijar — murmurou o aluno. — Mas você sabe que estou sofrendo duma catarreira grave, e não me atrevo a passar pra você. Ontem à noite, por dezesseis vezes, me peguei espirrando. E três lenços diferentes.

Joguei *Mörike* no arbusto de lilases e voltei para a casa. Um grande automóvel bufou na porta da frente. No salão houve grande comoção. A baronesa estava fazendo uma visita surpresa à sua filhinha. Vestida com um capote amarelo, ela ficou no meio da sala interrogando o gerente. E todos os convidados que a pensão continha estavam agrupados em torno dela, até mesmo a *Frau Doktor*, presumivelmente examinando um cronograma, o mais próximo possível das augustas saias.

— Mas onde está a minha criada? — perguntou a Baronesa.

— Não veio nenhuma criada — respondeu o gerente —, só sua graciosa irmã e filha.

— Irmã! — ela gritou bruscamente. — Tolo, não tenho irmã. A criança viajou com a filha da minha costureira.

Que tremenda reviravolta!

Frau Fisher

Tradução: Vanessa Rodrigues Thiago

Frau Fischer era a feliz proprietária de uma fábrica de velas em algum lugar às margens do Eger, e uma vez por ano ela parava de trabalhar para fazer uma “cura” em Dorschausen, chegando com uma cesta de vestidos cuidadosamente coberta por uma lona preta e uma mala de mão. Esta última continha, entre seus lenços, água de colônia, palitos de dente e um certo cachecol de lã muito bom para disfarçar a pança, amostras de sua habilidade na fabricação de velas, para serem oferecidas como agradecimentos quando sua estada terminasse.

Às quatro horas de uma tarde de julho, ela apareceu na Pensão Müller. Eu estava sentada no caramanchão e a observei subindo o caminho, seguida pelo carregador de barba ruiva, com a cesta de vestidos nos braços e um girassol entre os dentes. A viúva e suas cinco filhas inocentes estavam agrupadas com bom gosto nos degraus, em atitudes apropriadas de boas-vindas; e as saudações foram tão longas e altas que senti um brilho de simpatia.

— Que jornada! — gritou *Frau Fischer*. — E nada para comer no trem, nada sólido. Garanto-lhe que os lados do meu estômago estão se colando. Mas não devo estragar meu apetite para o jantar, quero apenas uma xícara de café no meu quarto. Bertha — voltando-se para a mais nova das cinco — que mudança! Que busto! *Frau Hartmann*, eu a parabeno.

Mais uma vez a viúva agarrou as mãos de *Frau Fischer*.

— Kathi também está uma mulher esplêndida; mas um pouco pálida. Talvez o jovem de Nuremberg esteja aqui novamente este ano. Como você guarda todas elas eu não sei. Todo ano venho esperando encontrá-la com o ninho vazio. É surpreendente.

Frau Hartmann, com voz envergonhada e apologética:

— Somos uma família muito feliz desde que meu querido marido morreu.

— Mas estes casamentos, é preciso ter coragem; e afinal de contas, dê-lhes tempo, todos eles deixam uma família feliz ainda maior, graças a

Deus por isso... Há muitas pessoas aqui agora?

— Todos os quartos ocupados.

O que se seguiu foi uma descrição detalhada no corredor, um murmúrio nas escadas, que continuava em seis tons enquanto elas entravam no grande aposento (janelas que davam para o jardim) que *Frau* Fischer ocupava ano após ano. Eu estava lendo os “Milagres de Lourdes”, que um padre católico — fixando um olhar sombrio em minha alma — me implorou para digerir; mas suas maravilhas foram completamente frustradas pela chegada de *Frau* Fischer. Nem mesmo as rosas brancas nos pés da Virgem poderiam florescer naquela atmosfera.

“...Era uma simples filha de pastor que tocava seus rebanhos nos campos áridos....”

Vozes da sala acima:

— É claro que o lavatório foi limpo com soda.

“...Atingida pela pobreza, seus membros, meio cobertos com trapos esfarrapados....”

— Cada móvel tomou sol no jardim por três dias. E o tapete que nós mesmos fizemos com roupas velhas. Há um pedaço daquela linda anágua de flanela que você nos deixou no verão passado.

“... Surda e muda era a criança; na verdade, a população a considerava meio idiota...”

— Sim, esta é uma nova imagem do Kaiser. Movemos a coroa de espinhos de Jesus Cristo para a passagem. Não era alegre dormir com ela. Querida *Frau* Fischer, não quer tomar café no jardim?

— Essa é uma ideia muito boa. Mas primeiro devo tirar meu espartilho e minhas botas. Ah, que alívio voltar a usar sandálias. Estou precisando muito da “cura” este ano. Meus nervos! Estou nervosíssima. Durante toda a viagem fiquei sentada com o lenço na cabeça, mesmo enquanto o ferroviário recolhia as passagens. Exausta!

Ela entrou no caramanchão vestindo um roupão manchado de preto e branco e um boné de chita com bico de couro envernizado, seguida por Kathi, carregando os pequenos jarros azuis de café maltado. Fomos apresentadas formalmente. *Frau* Fischer sentou-se, pegou um lenço de bolso perfeitamente limpo e poliu a xícara e o pires, depois levantou a tampa da cafeteira e olhou tristemente o conteúdo.

— Café maltado — disse ela. — Ah, nos primeiros dias me pergunto como posso aguentar isso. Naturalmente, longe de casa deve-se esperar muito desconforto e comida estranha. Mas como eu dizia ao meu querido marido: com lençóis limpos e uma boa xícara de café posso encontrar minha felicidade em qualquer lugar. Mas agora, com nervos como os meus, nenhum sacrifício é terrível demais. Qual a sua doença? Você parece extremamente saudável!

Sorri e encolhi os ombros.

— Ah, isso é tão estranho sobre vocês, ingleses. Parecem não gostar de discutir as funções do corpo. É o mesmo que falar de um trem ferroviário e se recusar a mencionar a locomotiva. Como podemos esperar compreender alguém sem saber nada sobre seu estômago? Na fase mais grave da doença do meu marido, os cataplasmas...

Ela mergulhou um pedaço de açúcar no café e observou-o dissolver.

— No entanto, um jovem amigo meu que viajou para a Inglaterra para o funeral de seu irmão me disse que as mulheres usavam corpetes em restaurantes públicos e que nenhum garçom conseguia deixar de espiar enquanto distribuía a sopa.

— Mas apenas garçons alemães — eu disse. — Os ingleses olham por cima da sua cabeça.

— Aí está — ela gritou —, agora você vê sua dependência da Alemanha. Nem mesmo um garçom eficiente vocês têm.

— Mas prefiro que eles olhem por cima da sua cabeça.

— E isso prova que você deve ter vergonha do seu corpete.

Olhei para o jardim cheio de goivos amarelos e roseiras comuns crescendo rigidamente como buquês alemães, sentindo que não me importava de uma forma ou de outra. Tive vontade de perguntar-lhe se o jovem amigo tinha ido à Inglaterra como garçom para assistir ao funeral de carnes assadas, mas decidi que não valia a pena. O tempo estava quente demais para ser maliciosa, e quem poderia ser pouco caridoso, sendo vítima das sensações agitadas que *Frau Fischer* suportou até as seis e meia? Como um presente do céu pela minha tolerância, veio pelo caminho, em nossa direção, *Herr Rat*, angelicamente vestido com um terno de seda branca. Ele e *Frau Fischer* eram velhos amigos. Ela juntou as dobras do roupão e abriu espaço para ele no banquinho verde.

— Como você está bem — disse ela —, e, se me permite fazer uma observação, que terno lindo!

— Certamente eu o usei no verão passado quando você estava aqui, não? Trouxe a seda da China. Contrabandeei-a através da alfândega russa, enrolando-a em volta do meu corpo. E na seguinte quantidade: dois comprimentos de vestido para minha cunhada, três ternos para mim, uma capa para a governanta do meu apartamento em Munique. Como eu suei! Cada centímetro teve que ser lavado depois.

— Certamente teve mais aventuras do que qualquer homem na Alemanha. Quando penso no tempo que você passou na Turquia com um guia bêbado que foi mordido por um cachorro louco e caiu de um precipício em um campo de rosas, lamento que não tenha escrito um livro.

— Tempo, tempo. Estou juntando algumas notas. E agora que você está aqui, vamos retomar nossas conversinhas tranquilas depois do jantar. Pode ser? É necessário e agradável para um homem encontrar ocasionalmente relaxamento na companhia de mulheres.

— Na verdade eu percebi isso. Mesmo aqui sua vida é muito árdua, você é tão procurado, tão admirado. Era exatamente a mesma coisa com meu querido marido. Ele era um homem alto e bonito, e às vezes, à noite, descia até a cozinha e dizia: “Esposa, eu gostaria de ser estúpido por dois minutos”. Nada o descansava tanto quanto eu fazer um cafuné em sua cabeça.

A careca do *Herr Rat* brilhando à luz do sol parecia simbolizar a triste ausência de uma esposa.

Comecei a me perguntar sobre a natureza dessas pequenas conversas tranquilas depois do jantar. Como alguém poderia bancar Dalila para um Sansão tão tosquiado?

— *Herr Hoffmann*, de Berlim, chegou ontem — disse *Herr Rat*.

— Com aquele jovem me recuso a conversar. Ele me contou no ano passado que havia ficado na França, num hotel onde não havia guardanapos; que lugar deve ter sido! Na Áustria, até os cocheiros de aluguel têm guardanapos. Também ouvi dizer que ele discutiu “amor livre” com Bertha enquanto ela varria o quarto. Não estou acostumada com essas companhias. Eu suspeitava dele há muito tempo.

— Sangue jovem — respondeu *Herr Rat* cordialmente. — Tive várias discussões com ele, você as ouviu, não é verdade? — voltando-se

para mim.

— Muitas mesmo — respondi, sorrindo.

— Sem dúvida você também me considera antiquado. Não faço segredo da minha idade; tenho sessenta e nove anos; mas você certamente deve ter observado como foi impossível para ele falar quando levantei a voz.

Respondi com a maior convicção e, ao encontrar o olhar de *Frau Fischer*, percebi de repente que era melhor voltar para casa e escrever algumas cartas.

Estava escuro e fresco no meu quarto. Um castanheiro empurrava ramos verdes contra a janela. Olhei para o sofá de crina, desprezando abertamente a ideia imoral de me acomodar ali, puxei a almofada vermelha e a coloquei no chão. E mal me instalei quando a porta se abriu e *Frau Fischer* entrou.

— *Herr Rat* tinha hora marcada para um banho — disse ela, fechando a porta atrás de si. — Posso entrar? Por favor, não se mova. Você parece uma gatinha persa. Agora, me conte algo realmente interessante sobre sua vida. Quando conheço novas pessoas, eu as espremo como uma esponja. Para começar, você é casada.

Eu admiti o fato.

— Então, querida criança, onde está seu marido?

Eu disse que ele era um capitão do mar em uma viagem longa e perigosa.

— Que posição para deixar você, tão jovem e tão desprotegida.

Ela se sentou no sofá e balançou o dedo para mim de brincadeira.

— Admita, agora, que você mantém suas viagens em segredo dele. Pois que homem pensaria em permitir que uma mulher com tanta abundância de cabelos vagasse por países estrangeiros? Agora, supondo que você perdeu sua bolsa à meia-noite em um trem nevado no norte da Rússia?

— Mas não tenho a menor intenção... — comecei.

— Eu não digo que você tenha. Mas quando você se despediu do seu querido homem, tenho certeza de que não tinha intenção de vir aqui. Minha querida, sou uma mulher experiente e conheço o mundo. Enquanto ele está fora, você tem febre no sangue. Seu triste coração voa em busca de conforto para essas terras estrangeiras. Em casa você não suporta ver aquela

cama vazia, é como a viuvez. Desde a morte do meu querido marido, nunca conheci uma hora de paz.

— Gosto de camas vazias — protestei sonolenta, batendo na almofada.

— Isso não pode ser verdade porque não é natural. Toda esposa deveria sentir que seu lugar é ao lado do marido, dormindo ou acordando. É evidente que o vínculo mais forte de todos ainda não os une. Espere até que um pequeno par de mãos se estenda sobre a água, espere até que ele chegue ao porto e veja você com a criança no peito.

Sentei-me rigidamente.

— Mas considero ter filhos a mais ignominiosa de todas as profissões — eu disse.

Por um momento houve silêncio. Então *Frau* Fischer se abaixou e pegou minha mão.

— Tão jovem e ainda sofrendo tão cruelmente — ela murmurou. — Não há nada que aborreça tanto uma mulher quanto ser deixada sozinha sem um homem, especialmente se for casada, pois então será impossível para ela aceitar a atenção dos outros, a menos que infelizmente seja viúva. Claro, eu sei que os capitães do mar estão sujeitos a tentações terríveis e são tão inflamáveis quanto os cantores tenores. É por isso que você deve apresentar uma aparência brilhante e enérgica e tentar deixá-lo orgulhoso de você quando o navio dele chegar ao porto.

Esse marido que eu criei para o proveito de *Frau* Fischer tornou-se em suas mãos uma figura tão substancial que eu não conseguia mais me ver sentada numa rocha com algas nos cabelos, esperando aquele navio fantasma pelo qual todas as mulheres adoram supor que padecem. Em vez disso, me vi empurrando um carrinho de bebê pela passarela e contando os botões que faltavam no paletó do uniforme do meu marido.

— Um punhado de bebês, é disso que você realmente precisa — refletiu *Frau* Fischer. — Então, como pai de família, ele não pode deixar você. Pense em sua alegria e entusiasmo quando a vir!

O plano me pareceu um tanto arriscado. Aparecer de repente com um punhado de bebês estranhos geralmente não é o melhor para despertar o entusiasmo no coração do marido britânico médio. Decidi destruir minha gravidez virginal e mandá-lo para algum lugar perto do Cabo Horn.

Então o gongo do jantar soou.

— Depois venha para o meu quarto — disse *Frau* Fischer. — Ainda há muito que quero saber.

Ela apertou minha mão, mas eu não apertei de volta.

Frau Brechenmacher vai a um casamento

Tradução: Elizabeth Sucupira

Deixar todos prontos era tarefa terrível. Após o jantar, *Frau Brechenmacher* arrumava quatro dos cinco filhos pequenos para dormir, enquanto Rosa lhe fazia companhia polindo os botões da farda de *Herr Brechenmacher*. Depois, passou a ferro sua melhor blusa, engraxou as botas e deu um ou dois pontos na gravata preta de seda.

— Rosa — disse ela —, pegue meu vestido e pendure em frente ao forno para tirar os amassados. Agora, preste atenção, você deve cuidar das crianças para que elas peguem no sono, no máximo, até oito e meia da noite. Não encoste na lamparina, você sabe o que acontecerá se você fizer isso.

— Sim, mamãe, — disse Rosa, que tinha nove anos e se sentia madura o suficiente para lidar com milhares de lamparinas. — Mas, deixe-me ficar acordada, o pequenino pode acordar e querer leite.

— Oito e meia! — disse a senhora. — Vou falar com seu pai para manter essa ordem.

Rosa fez um bico com a boca deixando os cantos do lábio caídos.

— Mas..., mas...

— O seu pai já está chegando. Vá para o quarto e pegue meu lenço de seda azul. Você pode usar meu xale preto enquanto eu estiver fora. Anda, vai logo!

Rosa tirou o xale dos ombros da mãe e se enrolou cuidadosamente, juntando as duas pontas com um nó nas costas. Ao menos, pensou, se ela tinha que ir para cama oito e meia da noite, ficaria enrolada no xale. Uma solução que consolou a menina.

— E agora, onde estão minhas roupas? — gritou *Herr Brechenmacher*, enquanto pendurava a bolsa de carteiro vazia atrás da porta e tirava a neve das botas. — Não tem nada pronto, claro, e todos já devem estar no casamento a essa hora. Ouvi a música quando passei por lá. O que você está fazendo? Não está nem vestida. Não pode ir assim.

— Aqui estão suas roupas, prontas em cima da mesa e tem água morna na bacia de estanho. Tome um banho de cabeça. Rosa, dê uma toalha a seu pai. Tudo pronto, exceto a calça. Não tive tempo de fazer a bainha. Você precisa colocar a barra para dentro da bota até a gente chegar lá.

— Ora — disse o marido —, não tem lugar para eu me trocar. Preciso de luz. Vá você se vestir no corredor.

Arrumar-se no escuro era muito fácil para *Frau Brechenmacher*. Ela pendurou a saia e o corpete, amarrou o lenço em volta do pescoço e colocou um broche com quatro medalhas de Nossa Senhora penduradas, então, colocou a capa e o capuz.

— Venha aqui e aperte essa fivela — chamou *Herr Brechenmacher*. Ele ficou parado na cozinha, cheio de si, com as condecorações no uniforme azul que brilhavam com um entusiasmo que só é possível aos broches oficiais. — Como estou?

— Está lindo — respondeu a senhora mignon, apertando com força a fivela na cintura, dando um puxão aqui e outro puxão ali. — Rosa, venha ver seu pai.

Herr Brechenmacher andou pisando forte para cima e para baixo pela cozinha, recebeu ajuda com o sobretudo e ficou esperando enquanto a esposa acendia a lamparina.

— Agora, sim, finalmente! Vamos.

— A lamparina, Rosa — lembrou a Senhora, fechando a porta.

A neve não tinha caído o dia todo; o chão estava escorregadio como um lago de gelo. Ela não saía de casa há semanas e o dia tinha sido tão agitado que ela se sentiu confusa e tola — como se Rosa tivesse apressado a saída de casa e seu marido estivesse fugindo dela.

— Espere, espere! — gritou.

— Não. Vou ficar com meu pé encharcado, você se apresse.

Quando entraram na cidade tudo ficou mais fácil. Havia cercas para se segurar, e no pequeno caminho da estação ferroviária até a pousada foram espalhadas cinzas para facilitar a chegada dos convidados do casamento.

O estabelecimento estava muito decorado. Luzes brilhavam em todas as janelas, coroas de pinheiros foram penduradas nos portais. Arranjos de galhos decoravam as portas da frente, que se balançavam ao abrir e fechar da entrada e no hall o proprietário mostrava seu poder pela

voz, importunando as garçonetes, que iam e vinham sem parar com canecas de cerveja, bandejas de xícaras e pires e garrafas de vinho.

— Subam, subam! — reverberava o proprietário. — Deixem os casacos no pé da escada.

Herr Brechenmacher, totalmente intimidado por essa fala exagerada, esqueceu de suas funções de marido e pediu perdão à esposa por tê-la empurrado contra o corrimão enquanto tentava chegar na frente de todos.

Os amigos de *Herr Brechenmacher* cumprimentaram-no efusivamente quando ele passou pela porta do salão de festa e sua *Frau* endireitou o broche e juntou as mãos, assumindo uma postura de dignidade por ser a mulher do carteiro e mãe de cinco crianças. O aposento estava lindo. Três mesas compridas estavam agrupadas numa das pontas, o restante do espaço foi deixado para a dança. Lamparinas a óleo penduradas no teto lançavam uma luz quente e brilhante nas paredes decoradas com flores de papel e guirlandas; e projetavam uma luz ainda mais quente e brilhante nos rostos vermelhos dos convidados com suas melhores roupas.

Na cabeceira da mesa central estavam sentados o noivo e a noiva, ela num vestido branco com listras e laços de fitas coloridas, que davam a aparência de um bolo com cobertura, pronto para ser cortado e servido em pedacinhos perfeitos para o noivo ao lado dela, que vestia um terno branco, grande demais para o seu tamanho, e uma gravata de seda branca que ultrapassava mais da metade do colarinho. Ao redor deles, com alta dignidade e primazia, estavam pais e parentes; e sentada num banquinho à direita da noiva estava uma menininha com um vestido de musseline amarrotado e uma coroa de miosótis pendurada numa das orelhas. Todos riam e conversavam, davam apertos de mão, faziam brindes com as taças, batiam o pé no chão. Um cheiro de cerveja e suor tomava conta do ar.

Frau Brechenmacher, ao acompanhar o marido pelo salão depois de cumprimentar os parentes da noiva, soube que iria se divertir. Ela parecia absorver tudo, ficando ruborizada e quente enquanto sentia o cheiro conhecido de festa. Alguém puxou sua saia e ao olhar para baixo viu *Frau Rupp*, mulher do açougueiro, que arrastou uma cadeira vazia e implorou para que ela se sentasse ao seu lado.

— Fritz vai pegar uma cerveja para você — disse ela. — Querida, sua saia está aberta atrás. Não conseguimos conter o riso quando você entrou no salão com a fita branca da sua anágua aparecendo!

— Que coisa terrível! — disse *Frau Brechenmacher*, desabando na cadeira e mordendo os lábios.

— Que isso, já passou, — disse *Frau Rupp*, esticando as mãos gordas por cima da mesa e observando seus três anéis com bastante satisfação —, mas deve-se ter cuidado, especialmente em um casamento.

— Ainda mais em um casamento como este — completou *Frau Ledermann*, que estava sentada do outro lado de *Frau Brechenmacher*. — Reparem que Theresa trouxe aquela criança com ela. Filha única, você sabe, minha querida, e vai viver com eles. Isso é o que chamo de pecado contra a Igreja, uma criança sem pai participar do casamento da própria mãe.

As três mulheres se sentaram e ficaram encarando a noiva, que estava quieta, com um sorriso discreto no rosto, somente os olhos se mexiam inquietos de um lado para o outro.

— Eles também lhe deram cerveja — sussurrou a Sra. Rupp —, e vinho branco com gelo. Eu não teria estômago para isso; ela deveria ter deixado a menina em casa.

Frau Brechenmacher se virou e olhou em direção à mãe da noiva. Ela não tirava os olhos da filha, mas franzia a testa manchada como um velho macaco e acenava de vez em quando, de maneira solene. As mãos tremiam enquanto levantava a caneca de cerveja e ao beber cuspiu no chão e grosseiramente limpou a boca com a própria manga da roupa. Depois, a música começou e ela seguiu Theresa com os olhos, observando com suspeita cada homem que dançava com a filha.

— Ânimo, minha velha — gritou o marido, espetando-a nas costelas; — não é o funeral de Theresa. — E piscou para os convidados que soltaram uma gargalhada bem alta.

— Eu *estou* animada, — murmurou a velha, e batucou na mesa com o punho, seguindo a batida da música, provando que ela não estava alheia aos festejos.

— Ela não se esquece como Theresa sempre foi ousada, — disse *Frau Ledermann*. — Quem poderia, com a criança ali? Ouvi dizer que domingo passado Theresa teve um ataque histérico e avisou que não se casaria com esse homem. Tiveram até que chamar o padre para ela.

— Onde está o outro? — perguntou *Frau Brechenmacher*. — Por que ele não se casou com ela?

A mulher encolheu os ombros.

— Foi embora; desapareceu. Era um viajante e só ficou na casa deles por duas noites. Estava vendendo botão de camisas. Comprei alguns para mim e eram bonitos, mas que homem porco! Não consigo imaginar o que ele viu numa garota tão sem graça, mas nunca se sabe. A mãe diz que ela parece que tem fogo desde os dezesseis anos!

Frau Brechenmacher olhou para a cerveja e soprou um pequeno buraco na espuma.

— Isso não é como um casamento deveria ser — disse ela —, não é religioso amar dois homens.

— Ela vai passar por poucas e boas com esse — exclamou a Sra. Rupp. — Ele estava hospedado em minha casa no verão passado e tive que me livrar dele. Ele não trocou de roupa nenhuma vez em dois meses, e quando falei do mau cheiro no quarto, disse que com certeza subia do açougue. Ah, cada mulher tem a sua cruz. Não é verdade, minha querida?

Frau Brechenmacher observou o marido no meio dos amigos na outra mesa. Estava bebendo demais, ela tinha certeza — gesticulava exageradamente, falava cuspidando saliva.

— Sim — concordou —, é verdade. As meninas precisam aprender muitas coisas.

Espremida entre essas duas mulheres gordas, a Frau não tinha esperança de ser convidada para dançar. Acompanhou com o olhar os casais girando e girando; esqueceu que tinha cinco bebês e um marido e quase se sentiu como uma juvenzinha novamente. A música parecia melancólica e doce. As mãos ásperas se entrelaçavam e se soltavam entre as dobras da saia. Enquanto a música tocava, tinha medo de encarar alguém e sorria de nervoso tremendo ligeiramente a boca.

— Oh, meu Deus, — gritou *Frau Rupp* — deram um pedaço de linguiça para aquela criança filha da Theresa. Para mantê-la quieta. Vão fazer os discursos agora, seu marido deve falar.

Frau Brechenmacher sentou-se rígida. A música parou e quem estava dançando voltou para os lugares nas mesas.

Herr Brechenmacher foi o único que permaneceu de pé — ele segurava uma grande jarra de café de prata. Todos riam do seu discurso, exceto a esposa; gargalhavam com suas caretas e com a maneira como

segurava a jarra de café para o casal de noivos, como se ele estivesse carregando um bebê.

Ela levantou a tampa, deu uma olhada rápida lá dentro, depois fechou a jarra com um pequeno grito e sentou-se mordendo os lábios.

O noivo arrancou a jarra da mão dela e tirou uma mamadeira e dois bercinhos com bonecas de porcelana. Enquanto ele balançava tudo isso diante de Theresa, o salão ficava agitado e quente de tantas gargalhadas.

Frau Brechenmacher não achou graça. Ficou olhando em volta para os rostos que estavam rindo e, de repente, todos pareciam estranhos. Queria ir para casa e não sair nunca mais. Ficou imaginando que todas aquelas pessoas estavam rindo dela, mais pessoas até do que estavam no salão — todos rindo porque eram muito mais fortes do que ela.

Foram andando para casa em silêncio. *Herr Brechenmacher* caminhava pisando com força na frente, ela tropeçava atrás dele. Era branca e malcuidada a estrada que ligava a estação ferroviária à casa deles — uma rajada de vento frio tirou o capuz do seu rosto e, de repente, ela se lembrou quando eles voltaram juntos para casa na primeira noite. Agora, tinham cinco bebês e o dobro de dinheiro, porém...

— É, para que serve tudo isso? — resmungou. Só quando chegaram em casa e preparou um jantar simples de carne com pão para o seu homem ela parou de se fazer essa pergunta tola.

Herr Brechenmacher partiu o pão no prato, amassou-o com o garfo até ficar arredondado e mastigou apressadamente.

— Está bom? — perguntou ela, colocando os braços na mesa e apoiando os seios sobre eles.

— Bem bom!

Ele pegou uma migalha, molhou na beirada em volta do prato e levou até a boca dela. Ela mexeu a cabeça para um lado e para o outro.

— Não estou com fome — disse.

— Mas é um dos melhores pedaços, cheio de gordura.

Ele limpou o prato, depois tirou as botas e jogou-as num canto.

— Nada demais esse casamento — disse esticando os pés e mexendo os dedos na meia de lã.

— N-não — respondeu ela, pegando as botas jogadas e colocando-as em cima do forno para secar.

Herr Brechenmacher bocejou e se esticou, depois olhou para ela com um sorrisinho irônico.

— Lembra da noite em que chegamos em casa? Você era tão inocente, ah, tão inocente.

— Ah, para com isso! Faz tanto tempo que nem me lembro —, mas ela se lembrava.

— Que mordida na orelha que você meu deu... mas logo eu te ensinei tudo.

— Nem começa com essa conversa. Você bebeu cerveja demais. Venha para a cama.

Ele balançou para trás na cadeira, se divertindo e rindo.

— Não foi o que você me disse naquela noite. Meu Deus, quanto trabalho você me deu!

Porém a pequena *Frau* acendeu a vela e foi para o quarto ao lado. As crianças pareciam estar dormindo. Ela verificou o colchão da cama do bebê para ver se ainda estava seco, depois começou a desabotoar a blusa e a saia.

— Todo dia é igual — disse — no mundo todo é sempre igual; mas, valha-me Deus, como é *ignorante*.

Até mesmo a lembrança do casamento começou a desaparecer. Ela se deitou e cruzou o braço sobre o rosto como uma criança que sabe que vai apanhar quando *Herr Brechenmacher* pulou na cama.

A alma moderna

Tradução: Diego Aguiar Vieira

— Boa noite — disse o *Herr* Professor, apertando minha mão —, como o tempo está maravilhoso! Acabei de voltar de uma festa na floresta. Tenho tocado *pro* pessoal no meu trombone. Sabe, esses pinheiros fornecem o acompanhamento mais adequado para um trombone! Eles suspiram delicadeza contra a força sustentada, como comentei certa vez numa palestra sobre instrumentos de sopro em Frankfurt. Posso me sentar ao seu lado neste banco, *gnädige Frau*?

Ele sentou-se, puxando um pacote de papel branco do bolso da cauda de seu casaco.

— Cerejas — disse ele, acenando com a cabeça e sorrindo. — Não há nada como cerejas para produzir saliva em abundância depois de tocar trombone, especialmente depois de “Ich Liebe Dich”, de Grieg. Essas explosões sustentadas em “liebe” deixam minha garganta tão seca quanto um túnel ferroviário. Quer um pouco? Ele sacudiu a sacola para mim.

— Prefiro vê-lo comendo.

— Ah, ha! — Ele cruzou as pernas, enfiando a sacola de cereja entre os joelhos, para deixar as duas mãos livres. — Psicologicamente, entendi a sua recusa. É a sua delicadeza feminina inata em preferir sensações etéreas... ou talvez se importe de comer lagartinhas. Todas as cerejas têm bichinhos. Uma vez fiz uma experiência muito interessante com um colega meu da universidade. Nós mordemos quatro quilos das melhores cerejas e não encontramos um espécime sem um verme. Mas o que você faria? Como comentei com ele depois, querido amigo, isso equivale ao seguinte: se alguém deseja satisfazer os desejos da natureza, deve ser forte o suficiente para ignorar os fatos da natureza... A conversa não está fora do seu alcance? Raramente tenho tempo ou oportunidade de abrir meu coração para uma mulher da qual me permito esquecer.

Olhei para ele vivamente.

— Ó que gorducha! — exclamou o professor. — Isso é quase uma joia por si só; é bonita o suficiente para pendurar em uma corrente de

relógio. — Ele mastigou e cuspiu a semente a uma distância incrível, sobre o caminho do jardim até o canteiro de flores. Estava orgulhoso da façanha. Eu vi. — A quantidade de frutas que comi neste banco —suspirou —; damascos, pêssegos e cerejas. Um dia, o canteiro do jardim se tornará um pomar, e permitirei que colha o quanto quiser, sem me pagar nada.

Fiquei grata, sem mostrar entusiasmo indevido.

— O que me lembra — ele bateu na lateral do nariz com um dedo —, o gerente da pensão me entregou minha conta semanal depois do jantar esta noite. É quase impossível de acreditar. Você talvez duvide que ele me cobrou a mais por um miserável copo de leite que bebo na cama à noite para evitar a insônia. Naturalmente, eu não paguei. Mas a tragédia da história é esta: não posso mais esperar que o leite produza sonolência; minha atitude pacífica em relação a ele está completamente destruída. Sei que ficarei com febre ao tentar sondar essa falta de generosidade em um homem tão rico quanto o gerente de uma pensão. Pense em mim esta noite — ele amassou a sacola vazia sob o calcanhar — pense que o pior está acontecendo comigo enquanto sua cabeça descansa sobre o travesseiro.

Duas senhoras subiram os degraus da pensão e se ampararam, de braços dados, olhando para o jardim. Uma, velha e desgrenhada, vestida quase inteiramente com miçangas pretas e uma retícula de cetim; a outra, jovem e magra, com um vestido branco, o cabelo loiro decorado elegantemente com malvas e ervilha-de-cheiro.

O professor puxou os pés e sentou-se bruscamente, puxando o colete para baixo.

— As Godowskas — murmurou. — Você as conhece? Mãe e filha de Viena. A mãe tem uma doença crônica e a filha é atriz. *Fräulein* Sonia é uma alma muito moderna. Acho que a acharia muito simpática. Ela foi forçada a cuidar da mãe há pouco tempo. Mas que temperamento! Uma vez a descrevi em seu álbum de lembranças como uma tigresa com uma flor no cabelo. Me dá licença? Talvez eu possa persuadi-las a serem apresentadas a você.

Eu respondi:

— Vou subir para o meu quarto. — Mas o professor se levantou e balançou um dedo brincalhão para mim.

— Não — disse ele —, somos amigos e, portanto, falarei francamente com você. Acho que elas considerariam um pouco “estranho”

se você imediatamente se retirasse para a casa ao se aproximarem, depois de se sentar aqui sozinha comigo no crepúsculo. Você conhece este mundo. Sim, você o conhece, assim como eu.

Dei de ombros, observando com um olho que, enquanto o professor falava, as Godowskas rastejavam pelo gramado em nossa direção. Elas confrontaram o *Herr* Professor enquanto ele se levantava.

— Boa noite — suspirou *Frau* Godowska. — Que tempo maravilhoso! Me atacou a rinite um pouco! — *Fräulein* Godowska não disse nada. Ela se debruçou sobre uma rosa que crescia no pomar embrionário, depois estendeu a mão com um gesto magnífico para o professor. Ele me apresentou.

— Esta é a minha amiguinha inglesa de quem falei. Ela é a estrangeira entre nós. Temos comido cerejas juntos.

— Que delicioso — suspirou *Frau* Godowska. — Minha filha e eu a observamos muitas vezes pela janela do quarto. Não é, Sonia?

Sonia absorveu minha forma externa e visível com um olhar interno e espiritual, depois repetiu o magnífico gesto em meu benefício. Nós quatro nos sentamos no banco, com aquele leve ar de excitação de passageiros estabelecido em um vagão de trem aguardando pelo apito de partida. *Frau* Godowska espirrou.

— Eu me pergunto se é rinite — observou ela, procurando na bolsinha acetinada pelo lenço —, ou se seria o sereno. Sonia, querida, está serenando?

Fräulein Sonia ergueu o rosto para o céu e meio que fechou os olhos.

— Não, mamãe, meu rosto está bastante quente. Oh, olhe, professor, há andorinhas voando; elas são como um pequeno rebanho de pensamentos japoneses, *nicht wahr*?

— Onde? — exclamou o professor. — Ah, sim, estou vendo, perto da chaminé da cozinha. Mas por que disse “japoneses”? Você não poderia compará-las com igual veracidade a um pequeno rebanho de pensamentos alemães em fuga? — Ele se voltou em minha direção. — Vocês têm andorinhas na Inglaterra?

— Creio que em algumas estações. Mas, sem dúvida, elas não têm o mesmo valor simbólico para os ingleses. Na Alemanha...

— Nunca estive na Inglaterra — interrompeu *Fräulein* Sonia —, mas tenho muitos conhecidos ingleses. Eles são tão frios! — estremeceu.

— Têm sangue de peixe — completou *Frau* Godowska. — Sem alma, sem coração e sem graça. Mas os tecidos são incomparáveis. Passei uma semana em Brighton há vinte anos, e a capa de viagem que comprei lá ainda está boa — aquela em que você embrulha a garrafa de água quente, Sonia. Meu finado marido, seu pai, Sonia, conhecia muito sobre a Inglaterra. Mas quanto mais sabia sobre isso, mais frequentemente ele observava: “A Inglaterra é apenas uma ilha de carne bovina nadando em um mar quente de molho”. Uma maneira tão brilhante de colocar as coisas. Lembra-se, Sonia?

— Não me esqueço de nada, mamãe — respondeu Sonia.

Disse o *Herr* Professor:

— Essa é a prova do seu chamado, *gnädiges Fräulein*. Agora eu me pergunto, e esta é uma especulação muito interessante, a memória é uma bênção ou, desculpe a expressão, uma maldição?

Frau Godowska olhou para longe, então os cantos da boca caíram e sua pele enrugou. Ela começou a derramar lágrimas.

— *Ach Gott!* Graciosa senhora, o que eu disse? — exclamou o professor.

Sonia pegou na mão da mãe.

— Você sabe — disse ela —, esta noite teremos cenouras cozidas e torta de nozes para o jantar. Suponho que devemos entrar e tomar nossos lugares — seu olhar de soslaio, trágico, acusando o Professor e a mim o tempo todo.

Eu as segui pelo gramado e subi os degraus. *Frau* Godowska estava murmurando:

— Um homem tão maravilhoso e amado — com a mão desocupada, *Fräulein* Sonia estava arrumando o “enfeite” de ervilha-de-cheiro.

“Um concerto em prol das crianças católicas pobres acontecerá no salão às oito e meia da noite. Artistas: *Fräulein* Sonia Godowska, de Viena; *Herr* Professor Windberg e seu trombone; *Frau* Oberlehrer Weidel e outros.”

Este aviso estava amarrado ao redor do pescoço da cabeça do veado melancólico na sala de jantar. Ele o enfeitou como um “babador de jantar” vermelho e branco por dias antes do evento, fazendo com que o professor se curvasse diante dele e dissesse “bom apetite” até que enjoamos de sua gentileza e deixamos o sorriso para ser dado pelo garçom, que era pago para agradar aos convidados.

No dia marcado, as senhoras casadas navegavam pela pensão vestidas como cadeiras estofadas, e as senhoritas solteiras como coberturas de mesa de musselina drapeadas. *Frau* Godowska prendeu uma rosa no centro de sua bolsinha; outra flor estava escondida nas dobras labirínticas de uma toalhinha branca jogada sobre seu peito. Os cavalheiros usavam casacos pretos, gravatas brancas de seda e botões cheios de balangandãs que faziam cócegas no queixo.

O chão do salão estava recém-lustrado, cadeiras e bancos arrumados e uma fileira de pequenas bandeiras penduradas no teto — elas voavam e balançavam na corrente de ar com todo o entusiasmo de roupas secando ao varal. Foi combinado que eu me sentaria ao lado de *Frau* Godowska e que o professor e Sonia se juntariam a nós quando a parte deles no concerto terminasse.

— Isso fará com que você se sinta um dos artistas — disse o professor cordialmente. — É uma grande pena que a nação inglesa seja tão pouco musical. Esquece isso! Esta noite você ouvirá algo. Descobrimos um ninho de talentos durante os ensaios.

— O que pretende recitar, *Fräulein* Sonia?

Ela balançou o cabelo para trás.

— Nunca sei até o último momento. Quando subo ao palco, espero por um momento e então tenho a sensação de que algo me atingiu aqui — ela colocou a mão no broche da gola — e... as palavras vêm!

— Abaixese por um momento — sussurrou a mãe. — Sonia, querida, o alfinete da sua saia está aparecendo na parte de trás. Devo ir lá fora prendê-lo direito, ou você pode fazer isso sozinha?

— Oh, mamãe, por favor, não diga essas coisas — Sonia corou e ficou muito zangada. — Você sabe como sou sensível à menor impressão de antipatia num momento como este... preferiria que a saia caísse das minhas pernas...

— Sonia, meu coração!

Um sino tilintou.

O garçom entrou e abriu o piano. Na excitação acalorada do momento, ele esqueceu completamente o decoro e sacudiu as chaves com o guardanapo de mesa sujo que carregava sobre o braço. *Frau* Oberlehrer tropeçou na plataforma seguida por um rapazinho, que assoou o nariz duas vezes antes de lançar o lenço sobre o corpo do piano.

Sim, eu sei que você não me ama,
mas não me esqueça.
Sem amor, sem sentimentos,
mas não me esqueça.

Cantou a *Frau* Oberlehrer, com uma voz que parecia emanar de seu dedal esquecido e não ter nada a ver com ela.

— Arr, quão doce, quão delicado — gritamos, batendo palmas suavemente. Ela se curvou como se dissesse: “Sim, não é?”, e se retirou, o rapazinho esquivando-se dos aplausos e fazendo uma careta.

Com o piano fechado, uma poltrona foi colocada no centro da plataforma. *Fräulein* Sonia foi em direção a ela. Uma pausa sem fôlego. Então, presumivelmente, a haste alada atingiu o broche de seu colarinho. Ela nos implorou para não irmos para a floresta em vestidos cheios de frufu, mas sim em roupas tão leves quanto possível, e deitarmos com ela entre os pinheiros. Sua voz alta e levemente áspera encheu o salão. Ela largou os braços sobre o encosto da poltrona, movendo as mãos magras a partir dos pulsos. Ficamos empolgados em silêncio. *Herr* Professor, ao meu lado, anormalmente sério, ficou com os olhos esbugalhados, puxando as pontas do bigode. *Frau* Godowska adotou aquela atitude peculiarmente desapegada dos pais orgulhosos. A única alma que permaneceu intocada por seu apelo foi o garçom, que se encostou preguiçosamente na parede do salão e limpou as unhas com a ponta de um folheto. Ele estava “de folga” e pretendia mostrar isso.

— O que eu disse? — gritou o *Herr* Professor, encoberto por aplausos tumultuosos — Tem-pe-ra-men-to! Aí está ele. Ela é uma chama no coração de um lírio. Eu sei que vou ter um bom desempenho. Agora é a minha vez. Estou inspirado. *Fräulein* Sonia — conforme essa senhora

voltava na nossa direção, pálida e envolta em um grande xale — você é minha inspiração. Esta noite serás a alma do meu trombone. Espere pra ver.

À nossa direita e à nossa esquerda, as pessoas se inclinaram e sussurraram admiração pelo pescoço de *Fräulein* Sonia. Ela curvou-se em grande estilo.

— *Eu* sempre sou um sucesso — ela me disse. — Dá pra ver que, quando estou atuando, eu me torno aquilo. Em Viena, nas peças de Ibsen, recebíamos tantos buquês que a cozinheira tinha três na cozinha. Mas é difícil aqui. Há tão pouca magia. Dá pra sentir? Não há nada daquele perfume misterioso que flutua quase como uma coisa visível das almas do público vienense. Meu espírito morre de fome por falta disso. — Ela se inclinou para a frente, com o queixo na mão. — Morre de fome! — repetiu.

O professor apareceu com o trombone, soprou nele, ergueu-o contra um olho, levantou os punhos da camisa e chafurdou na alma de Sonia Godowska. Tal sensação ele criou que foi chamado para tocar uma dança bávara, que ele reconheceu que deveria ser tomada como um exercício de respiração e não como uma conquista artística. *Frau* Godowska o tempo inteiro agiu como uma fã.

Em seguida veio o rapazinho que disse com uma voz de tenor que amava alguém, “com sangue no coração e mil dores”. *Fräulein* Sonia encenou um envenenamento com a ajuda do frasco de pílulas de sua mãe e da poltrona substituída por uma *chaise longue*; uma jovem arranhou uma canção de ninar em um violino jovem; e *Herr* Professor realizou os últimos ritos sacrificiais no altar das crianças aflitas tocando o Hino Nacional.

— Agora devo colocar a mamãe na cama — sussurrou *Fräulein* Sonia —, mas depois devo dar uma volta. É imperativo que eu liberte meu espírito ao ar livre por um momento. Você poderia vir comigo até a estação de trem e voltar?

— Claro, é só bater na minha porta quando estiver pronta.

Assim, a alma moderna e eu nos encontramos juntas sob as estrelas.

— Que noite! — disse ela. — Sabe aquele poema de Safo sobre as mãos dela nas estrelas... sou curiosamente sáfica. E isso é tão notável. Não apenas sou sáfica, como encontro em todas as obras de todos os maiores escritores, especialmente em suas cartas inéditas, algum toque, algum sinal de mim mesma... alguma semelhança, alguma parte de mim, como mil reflexos de minhas próprias mãos em um espelho escuro.

— Mas que chateação — disse eu.

— Eu não sei o que você quer dizer com “chateação”; é antes a maldição do meu gênio... — Ela fez uma pausa de repente, olhando para mim. — Você está a par da minha tragédia? — perguntou ela.

Balancei a cabeça.

— Minha tragédia é a minha mãe. Vivendo com ela, vivo com o caixão das minhas aspirações natimortas. Você ouviu aquilo sobre o alfinete esta noite. Pode parecer uma coisinha, mas arruinou meus três primeiros gestos. Eles ficaram...

— Empalados por um alfinete — sugeri.

— Sim, exatamente isso. E quando estamos em Viena, sou vítima do mau humor, sabe. Anseio por fazer coisas selvagens e apaixonadas. E mamãe diz: “Por favor, primeiro me dê meus remédios.” Pelo que me lembro, fiquei furiosa e arremessei um jarro pela janela. Você sabe o que ela disse? “Sonia, não é tanto jogar coisas pela janela, se ao menos você...”

— Escolhesse algo menor? —, perguntei.

— Não... “me avisasse de antemão” Humilhante! E não vejo nenhuma luz possível fora desta escuridão.

— Por que não se junta a um grupo mambembe itinerante e deixa a sua mãe em Viena?

— O quê? Deixar a coitada da minha mãezinha, doente e viúva em Viena! Prefiro me afogar. Eu amo minha mãe como não amo mais ninguém no mundo... ninguém e nada! Você acha que é impossível amar a própria tragédia? “Das minhas grandes tristezas, faço minhas pequenas canções”, isso é Heine ou eu mesma.

— Ah, então está tudo bem — eu disse alegremente.

— Mas não está tudo bem!

Sugeri que voltássemos. Nós nos viramos.

— Às vezes acho que a solução está no casamento — disse *Fräulein* Sonia. — Se eu encontrar um homem simples e pacífico que me adore e cuide da mamãe — um homem que seria para mim um travesseiro — pois o gênio não pode esperar acasalar — eu me casaria com ele... Você sabe que o professor me presta atenção muito acentuada.

— Oh, *Fräulein* Sonia — disse eu, me divertindo muito —, por que não casá-lo com sua mãe? — Estávamos passando pelo salão do cabeleireiro no momento. *Fräulein* Sonia agarrou meu braço.

— Você, você... — ela gaguejou. — Que crueldade. Vou desmaiar. Mamãe se casar novamente antes de eu me casar... quão indigno. Vou bater as caçoletas aqui e agora.

Eu estava apavorada.

— Você não pode — disse eu, sacudindo-a. — Volte para a pensão e desmaie o quanto quiser. Mas não pode desmaiar aqui. As lojas estão todas fechadas. Não há ninguém por perto. Por favor, não seja tão tola.

— Aqui e bem aqui! — Ela indicou o local exato e caiu lindamente, deitada imóvel.

— Muito bem — declarei —, desmaie; mas, por favor, apresse-se.

Ela não se mexeu. Comecei a caminhar para casa, mas cada vez que olhava para trás via a forma escura da alma moderna inclinada diante da vitrine do cabeleireiro. Finalmente corri e tirei o professor de seu quarto.

— *Fräulein* Sonia desmaiou — falei irritada.

— *Du lieber Gott!* Onde? Como?

— Do lado de fora do salão do cabeleireiro na rua da Estação.

— Jesus e Maria! Ela não tem água com ela? — ele agarrou sua jarra — Ninguém ao lado dela?

— Nada.

— Onde está o meu casaco? Não importa, que eu fique resfriado levando vento no peito. De bom grado, vou pegar um... está pronta para vir comigo?

— Não — respondi —, você pode levar o garçom.

— Mas ela deve ter uma mulher. Não posso ser tão indelicado a ponto de tentar afrouxar suas roupas.

— Almas modernas não deveriam usar roupas tão apertadas — disse eu. Ele passou por mim e desceu as escadas.

Quando desci para o café da manhã na manhã seguinte, havia dois lugares vagos à mesa. *Fräulein* Sonia e *Herr* Professor haviam saído para passar o dia na floresta.

Fiquei pensando.

No café dos “Lehmann”

Tradução: Vanessa Rodrigues Thiago

Certamente Sabina não achava a vida lenta. Corria de um lado para o outro desde o início da manhã até tarde da noite. Às cinco horas, saía da cama, abotoava as roupas e, vestindo um avental de alpaca de mangas compridas por cima do vestido preto, descia as escadas até a cozinha.

Anna, a cozinheira, engordou tanto durante o verão que adorava ficar na cama, já que ali não precisava usar espartilhos e podia espalhar-se o quanto quisesse, rolar no grande colchão, reclamando com Jesus e Maria Santíssima, e o próprio Beato Antônio, que a sua vida não era digna de um porco num chiqueiro.

Sabina era nova em seu trabalho. O rosado ainda flutuava em suas bochechas; havia uma pequena covinha no lado esquerdo de sua boca que, mesmo quando ela estava mais séria, mais absorta, aparecia e a denunciava. E Anna dava graças a Deus por aquela covinha. Isso significava meia hora extra na cama para ela; fazia Sabina acender o fogo, limpar a cozinha e lavar inúmeras xícaras e pires que tinham sobrado da noite anterior. Hans, o ajudante de cozinha, só chegava às sete. Ele era o filho do açougueiro — um garoto malvado e baixo para sua idade, muito parecido com uma das salsichas do pai, pensou Sabina. Seu rosto vermelho estava coberto de espinhas e suas unhas indescritivelmente sujas. Quando o próprio *Herr Lehmann* disse a Hans para pegar um grampo de cabelo e limpá-las, ele disse que estavam manchadas desde o nascimento porque sua mãe sempre ficava cheia de tinta ao fazer as contas — e Sabina acreditou e teve pena dele.

O inverno chegou muito cedo em Mindelbau. No final de outubro, as ruas estavam cobertas de neve até a cintura, e a maior parte dos “Hóspedes da Cura”, doentes até a morte por causa da água fria e das ervas, haviam partido sem nem chegar perto da paz. Assim, o grande salão dos Lehmann foi fechado e a sala de café da manhã era toda a acomodação que o café oferecia. Ali o chão tinha de ser lavado, as mesas esfregadas, as xícaras de café colocadas, cada uma com sua pequena travessa de porcelana

com açúcar, e jornais e revistas pendurados em seus ganchos ao longo das paredes antes que *Herr* Lehmann aparecesse às sete e meia e abrisse o negócio.

Via de regra, a esposa dele servia na loja que dava para o café, mas ela escolhera a estação tranquila para ter um filho e, já sendo uma mulher grande na maior parte do tempo, crescera tanto que o marido a considerou pouco atraente e achou melhor que permanecesse no andar de cima, costurando.

Sabina assumiu o trabalho adicional sem pensar no pagamento extra. Ela adorava ficar atrás do balcão, cortando fatias dos maravilhosos doces salpicados de chocolate feitos por Anna ou preparando pacotes de amêndoas açucaradas em sacos listrados de rosa e azul.

— Você terá varizes, como eu — disse Anna. — Isso é o que a *Frau* também tem. Não é à toa que o bebê não vem! Todo o inchaço dela atingiu as pernas.

E Hans ficou imensamente interessado no assunto.

Durante a manhã, o movimento estava comparativamente fraco. Sabina atendeu a campainha da loja, serviu alguns clientes que bebiam um licor para aquecer o estômago antes do almoço e subiu de vez em quando para perguntar à *Frau* se ela queria alguma coisa. Mas, à tarde, seis ou sete sujeitos jogavam cartas e todo mundo bebia chá ou café.

— Sabina... Sabina...

Ela voava de uma mesa para outra, contando punhados de trocos, passando os pedidos a Anna pela porta vai-e-vem, ajudando os homens com seus casacos pesados, sempre com aquele ar mágico de criança, aquela deliciosa sensação de estar sempre presente em uma festa.

— Como está *Frau* Lehmann? — as mulheres sussurravam.

— Ela se sente um pouco desanimada, mas tão bem quanto se poderia esperar — respondia Sabina, assentindo confidencialmente.

O momento ruim de *Frau* Lehmann se aproximava. Anna e suas amigas referiam-se a isso como sua “viagem a Roma”, e Sabina ansiava por fazer perguntas, mas, envergonhada de sua ignorância, ficava em silêncio, tentando decifrar sozinha. Ela não sabia praticamente nada, exceto que a *Frau* tinha um bebê dentro dela, que precisava sair — algo muito doloroso, na verdade. A mulher não poderia passar por isso sem marido — isso ela havia concluído. Mas o que o homem tinha a ver com o assunto? Então ela

se perguntava, enquanto remendava panos de prato à noite, a cabeça inclinada sobre o trabalho, a luz brilhando em seus cachos castanhos. “Nascimento — o que era?”, perguntava-se Sabina. “Morte — uma coisa tão simples”. Ela tinha uma pequena foto da avó falecida, com um vestido de seda preta, as mãos cansadas segurando o crucifixo que se arrastava entre os seios achatados, a boca curiosamente apertada, mas sorrindo quase secretamente. Mas, um dia, a avó nascera — esse era o fato importante.

Certa noite, enquanto estava ali sentada, pensando, o Jovem entrou no café e pediu uma taça de vinho do Porto. Sabina levantou-se lentamente. O longo dia e a sala quente fizeram com que ela se sentisse um pouco lânguida, mas, enquanto servia o vinho, sentiu os olhos do Jovem fixos nela, olhou para ele e fez covinhas.

— Está frio lá fora — disse ela, fechando a garrafa.

O Jovem passou as mãos pelos cabelos cobertos de neve e riu.

— Eu não falaria que está tropical — disse ele. — Mas você está muito confortável aqui... parecia que você estava adormecida.

Sabina sentia-se muito lânguida na sala quente, e a voz do Jovem era forte e profunda. Ela pensou que nunca tinha visto alguém que parecesse tão forte — como se pudesse segurar a mesa com uma mão — e seu olhar inquieto vagando por seu rosto e corpo lhe deu uma emoção curiosa no fundo de seu corpo, metade prazer, metade dor... Ela queria ficar ali, por perto, enquanto ele bebia seu vinho. Seguiu-se um pequeno silêncio. Então ele tirou um livro do bolso e Sabina voltou a costurar. Sentada ali no canto, ela ouvia o som das folhas sendo viradas e o tique-taque alto do relógio pendurado sobre o espelho dourado. Queria olhar para ele novamente — havia algo naquele jovem, em sua voz profunda, até mesmo na maneira como suas roupas lhe caiam. Do quarto de cima, ela ouviu o som pesado e arrastado dos passos de *Frau* Lehmann, e novamente os velhos pensamentos preocuparam Sabina. Se um dia ela própria se parecesse com a patroa, se ela se sentisse daquele modo! Ainda assim, seria muito fofo ter um bebezinho para vestir e brincar.

— *Fräulein*, qual é o seu nome, por que você está sorrindo? — chamou o Jovem.

Ela corou e ergueu os olhos, com as mãos quietas no colo, olhou para as mesas vazias e balançou a cabeça.

— Venha aqui e vou lhe mostrar uma foto — ordenou ele.

Ela foi e ficou ao seu lado. Ele abriu o livro e Sabina viu o desenho colorido de uma garota nua sentada na beira de uma cama grande e amarrotada, com um chapéu de ópera masculino na nuca.

Ele colocou a mão sobre o corpo, deixando apenas o rosto exposto, e examinou Sabina de perto.

— Bem?

— O que você quer dizer? — ela perguntou, sabendo perfeitamente bem.

— Ora, pode ser a sua própria fotografia, quero dizer, o rosto, pelo que posso julgar.

— Mas o cabelo está diferente — disse Sabina, rindo. Ela jogou a cabeça para trás e a risada borbulhou em sua garganta redonda e branca.

— É uma bela foto, você não acha? — ele perguntou. Mas ela olhava para um curioso anel que ele usava na mão que cobria o corpo da garota, e apenas assentiu.

— Já viu algo parecido antes?

— Ah, há muitos desses desenhos engraçados nos jornais ilustrados.

— Gostaria de tirar uma foto assim?

— Eu? Eu nunca deixaria ninguém ver. E outra, eu não tenho um chapéu assim!

— Isso eu arranjo fácil.

Novamente um pequeno silêncio, quebrado por Anna passando pela porta.

Sabina correu para a cozinha.

— Aqui, leve este leite e ovo para a *Frau*, disse Anna. — Quem você tem aí?

— É um homem tão engraçado! Acho que ele tem um parafuso a menos — batendo na testa.

No andar de cima, naquele quarto feio, a *Frau* estava sentada costurando, com um xale preto nos ombros e os pés enfiados em chinelos de lã vermelha. A menina colocou o leite numa mesa ao lado dela e depois se levantou, polindo uma colher no avental.

— Mais alguma coisa?

— Não — disse a *Frau*, levantando-se da cadeira. — Cadê meu homem?

— Está jogando cartas no Snipold. Quer que chame?

— Santo Deus, deixa ele em paz. Eu não sou nada. Não importo... E só o dia inteiro esperando aqui.

Sua mão tremia enquanto limpava a borda do copo com o dedo gordo.

— Quer ajuda para deitar?

— Desça, me deixe em paz. Diga a Anna para não deixar Hans roubar o açúcar. Que lhe dê uns cascudos.

— Feio, feio, feio — murmurou Sabina, voltando ao café onde o Jovem estava de casaco abotoado, pronto para partir.

— Voltarei amanhã — disse ele. — Não deixe cabelo tão preso; ele vai perder todos os cachos.

— Você é engraçado — disse ela. — Boa noite.

Quando Sabina ficou pronta para dormir, Anna já estava roncando. Ela escovou os longos cabelos e os segurou nas mãos... Talvez fosse uma pena se perdesse todos os cachos. Então ela olhou para sua camisola lisa e, tirando-a, sentou-se na beira da cama.

— Eu gostaria — ela sussurrou, sorrindo sonolenta — que tivesse um grande espelho nesta sala.

Deitada na escuridão, ela abraçou seu corpo franzino.

— Eu não seria a *Frau* por cem marcos, nem por mil marcos. Para ficar daquele jeito.

E, meio sonhando, imaginou erguer-se na cadeira com a garrafa de vinho do Porto na mão quando o Jovem entrou no café.

Frio e escuro na manhã seguinte. Sabina acordou cansada, sentindo como se algo pesado tivesse pressionado seu coração a noite toda. Houve um som de passos arrastando-se ao longo da passagem. *Herr* Lehmann! Ela devia ter dormido demais. Sim, ele estava sacudindo a maçaneta da porta.

— Um momento, um momento — ela gritou, calçando as meias.

— Bina, diga a Anna para ir ajudar a *Frau*, mas rápido. Preciso ir buscar a enfermeira.

— Sim, sim! — ela gritou. — Está vindo?

Mas ele tinha ido embora e ela correu até Anna e sacudiu-a pelo ombro.

— A *Frau*... o bebê... *Herr* Lehmann buscar enfermeira — ela gaguejou.

— Em nome de Deus! — disse Anna, saltando da cama.

Sem queixas hoje. Importância, entusiasmo em toda a postura de Anna.

— Você desce correndo e acende o forno. Coloque uma panela com água — falando para um ser imaginário enquanto ela fechava a camisa — Sim, sim, eu sei, antes da calmaria, vem a tempestade... estou indo... paciência.

Estava escuro o dia todo. As luzes foram acesas assim que o café abriu e o negócio estava muito animado. Anna, expulsa do quarto da *Frau* pela enfermeira, recusou-se a trabalhar e sentou-se num canto cuidando de si mesma, ouvindo os barulhos de cima. Hans foi mais empático do que Sabina. Ele também abandonou o trabalho e ficou perto da janela, cutucando o nariz.

— Mas por que devo fazer tudo? — disse Sabina, lavando copos. — Não posso ajudar a *Frau*; ela não deveria levar tanto tempo nisso.

— Escute — disse Anna —, eles a transferiram para o quarto dos fundos aqui em cima, para não incomodar as pessoas. Aquilo foi um gemido... aquele!

— Duas cervejas pequenas — gritou *Herr* Lehmann através da porta vai-e-vem.

— Um momento, um momento.

Às oito horas o café estava deserto. Sabina sentou-se no canto sem costurar. Nada parecia ter acontecido com a *Frau*. Um médico havia chegado. Isso era tudo.

— Puxa — disse Sabina. — Não penso mais nisso, não escuto mais. Nossa, eu gostaria de ir embora, odeio essa conversa. Eu não vou ouvir isso. Não, é demais. — Ela apoiou os cotovelos na mesa, segurou o rosto com as mãos e fez beicinho.

Mas a porta externa se abriu de repente, ela se levantou e riu. Era o Jovem novamente. Ele pediu mais vinho do Porto e desta vez não trouxe nenhum livro.

— Não vá se sentar a quilômetros de distância — ele resmungou. — Eu quero me divertir. E aqui, pegue meu casaco. Você não pode secar em algum lugar? — nevando de novo.

— Tem um lugar quente: o vestiário feminino — disse ela. — Vou levar para lá, perto da cozinha.

Ela sentiu-se melhor e muito feliz novamente.

— Eu vou com você — disse ele. — Vou ver onde vai colocar.

E isso não parecia nada extraordinário. Ela riu e acenou para ele.

— Aqui — ela gritou. — Olha como está quente. Vou colocar mais lenha naquele forno. Não tem problemas, todo mundo está lá em cima.

Ela se ajoelhou no chão e colocou a lenha no forno, rindo de sua própria extravagância perversa.

A *Frau* foi esquecida, o dia estúpido foi esquecido. Aqui estava alguém ao lado dela rindo também. Eles estavam juntos na pequena sala quente, roubando a lenha de *Herr* Lehmann. Parecia a aventura mais emocionante do mundo. Ela queria continuar rindo — ou desatar a chorar — ou ...ou... agarrar o Jovem.

— Que fogo — ela gritou, esticando as mãos.

— Pegue minha mão; levante — disse o Jovem. — Pronto, amanhã você compensa.

Eles ficaram frente a frente, com as mãos ainda agarradas. E novamente aquele estranho tremor arrepiou Sabina.

— Olhe aqui — ele disse asperamente —, você é uma criança ou está brincando de ser uma?

— Eu...eu...

As risadas cessaram. Ela olhou para ele uma vez, depois para o chão e começou a respirar como um animalzinho assustado.

Ele a puxou ainda mais para perto e beijou sua boca.

— Não, o que você está fazendo? — sussurrou.

Ele soltou as mãos dela, colocou as suas sobre os seios dela e a sala pareceu nadar em torno de Sabina. De repente, na sala de cima, um grito assustador e dilacerante.

Ela se afastou, se apertou, se endireitou.

— Quem fez isso, quem fez esse barulho?

No silêncio, o choro fraco de um bebê.

— Minha nossa! — gritou Sabina, saindo correndo da sala.

No Luft Bad

Tradução: Júlia Kohlrausch da Rosa

Acho que são as sombrinhas que nos fazem parecer ridículas.

Quando visitei o resort pela primeira vez e vi minhas companheiras de banho de sol andando quase da forma que vieram ao mundo, achei as sombrinhas um toque extremamente brega.

Segurar sobre si uma coisa de algodão verde com cabo vermelho gritante causa uma sensação de dignidade ridícula enquanto trajamos algo tão pequeno quanto um lenço.

Não há árvores por lá. Há apenas casinhas de madeira, um local para banho, dois balanços e duas maçãs estranhas — supõe-se que uma foi perdida por Hércules ou pelo exército alemão, enquanto a outra podia ser usada com segurança por qualquer um.

E lá, independente do clima, desfrutamos do ar livre — caminhando ou sentando em pequenos grupos para conversar sobre doenças, tratamentos e males que a carne pode afligir a cada uma de nós.

Um muro alto de madeira nos protege; acima dele, pinheiros olham para baixo com prepotência, cutucando uns aos outros de forma tentadora para uma debutante. Por cima do muro, do lado direito, fica a seção masculina. Podemos ouvi-los cortando árvores, serrando tábuas, jogando pesos pesados no chão e cantarolando juntos, em coro. Sim, eles levam isso muito mais a sério.

No primeiro dia, eu estava insegura com minhas pernas e voltei para minha casinha três vezes para checar o horário, mas, quando uma mulher com quem joguei xadrez por três semanas fingiu não me ver, me encorajei a encontrar um grupo.

Estávamos encolhidas e deitadas no chão enquanto uma senhora húngara com proporções imensas nos contava sobre o belo túmulo que comprou para o segundo marido.

— Tem uma abóbada — disse ela. — Com lindas grades pretas. É tão grande que posso descer e dar algumas voltas por lá. As fotografias de ambos estão lá, com duas lindas coroas de flores que me foram enviadas

pelo irmão do meu primeiro marido. Também penduramos um grande retrato de família, com uma condecoração, que meu primeiro marido recebeu como presente de casamento. Sempre estou por lá, é um passeio muito agradável para uma tarde de sábado.

De repente, ela se deitou de costas, respirou fundo seis vezes e sentou-se novamente.

— A agonia durante a morte foi terrível. — comentou com entusiasmo. — Me refiro ao meu segundo marido. O “primeiro” foi atropelado por uma carroça de madeira e alguém roubou cinquenta marcos do bolso de seu colete novo, mas o “segundo” sofreu por sessenta e sete horas. Não parei de chorar por um segundo, nem mesmo para colocar as crianças na cama.

Uma russa jovem com um bobé na franja se virou para mim.

— Você sabe a dança de “Salomé”? — ela perguntou. — Eu sei.

— Que encanto — respondi.

— Posso te mostrar agora? Gostaria de me ver dançar?

Ela se levantou, contorceu-se de maneira incrível durante os próximos dez minutos e então parou, ofegante, torcendo seus longos cabelos.

— Não foi ótimo? — ela questionou. — E agora estou transpirando tão esplendidamente. Vou tomar um banho.

Na minha frente estava a mulher mais morena que já vi, deitada de costas com os braços cruzados sobre a cabeça.

— Há quanto tempo está aqui? — alguém perguntou para ela.

— Ah, eu passo o dia aqui, agora — ela respondeu. — Estou desenvolvendo minha própria “cura” e vivendo apenas de vegetais crus e nozes, e a cada dia que passa sinto meu espírito mais forte e puro. Afinal, o que mais poderíamos esperar? A maioria de nós anda por aí com corpúsculos de porco e fragmentos de boi nos cérebros. A maravilha do mundo é que ele é tão bom quanto é. Agora, vivo com alimentos simples e naturais. — Ela apontou para uma sacolinha ao seu lado. — Uma alface, uma cenoura, uma batata e algumas nozes fornecem nutrientes adequados e racionais. Eu os lavo na água da torneira e os como crus, exatamente da forma que vieram da nossa inofensiva terra: frescos e não contaminados.

— Você não come mais nada pelo resto do dia? — questionei.

— Água. E talvez uma banana, se eu acordar durante a noite. — Ela se virou e se apoiou em um cotovelo. — Você se alimenta em excesso — ela comentou. — Sem um pinga de vergonha! Como você pode esperar que a Chama do Espírito queime intensamente sob camadas de carne supérflua?

Desejei que ela não me fitasse daquela forma e considerei olhar meu relógio novamente quando uma garota usando um colar de contas de coral se juntou a nós.

— *Frau* Hauptmann, coitada, não poderá se juntar a nós hoje — ela informou. — Está com manchas espalhadas pelo corpo, por nervosismo. Ontem, após escrever dois cartões postais, ela se empolgou demais.

— Uma mulher delicada — comentou a húngara —, mas agradável. Chique, ela tem uma bandeja separada para cada um de seus dentes da frente! Mas não tem direito de deixar as filhas usarem uniformes tão curtos. Elas se sentam nos bancos e cruzam as pernas de maneira muito sem-vergonha. O que você fará esta tarde, *Fräulein* Anna?

— Ah, — o Colar de Coral respondeu. — *Herr* Oberleutnant me convidou para ir com ele a Landsdorf. Ele precisa comprar alguns ovos para levar para a mãe. Ele economiza um centavo em oito ovos apenas por conhecer os camponeses certos para pechinchar.

— Você é americana? — indagou a Senhora dos Vegetais, virando-se para mim.

— Não.

— Então é britânica?

— Não, não exatamente...

— Você deve ser uma das duas, não é possível. Eu a vi andando sozinha várias vezes, usando seu...

Levantei e me sentei no balanço. O ar doce e fresco soprava pelo meu corpo. Acima, nuvens brancas se alastravam delicadamente pelo céu azul. Da floresta de pinheiros vinha um perfume selvagem e os galhos balançavam juntos, rítmica e sonoramente. Me senti tão leve, livre e feliz... tão inocente! Sentia vontade de arrancar minha língua fora sentada na grama com o grupo, que se fechava ainda mais, sussurrando intensamente.

— Talvez você não saiba — alguém gritou de uma das casas —, mas balançar faz muito mal para o estômago. Uma amiga minha não conseguiu engolir nada durante três semanas após ter se balançado.

Fui para o espaço de banho e tomei uma ducha.

Enquanto me vestia, alguém deu tapinhas na parede.

— Você sabia — disse outra voz. — que tem um homem que mora no *Luft Bad*, aqui ao lado. Ele se enterra na lama até as axilas e se recusa a acreditar na Trindade.

As sombrinhas eram a salvação do Luft Bad. Agora, quando vou, levo o guarda-chuva que meu marido usa em tempestades e me sento em um canto, escondendo-me atrás dele.

Não que eu tenha um pingão vergonha das minhas pernas.

Um nascimento

Tradução: Vanessa Rodrigues Thiago

Andreas Binzer acordou lentamente. Ele se virou na cama estreita e se espreguiçou, bocejou abrindo a boca o máximo possível, e depois juntou os dentes com um “clique” agudo. O som daquele clique o fascinou; ele o repetiu rapidamente várias vezes, com um movimento de estalo das mandíbulas. “Que dentes!”, pensou. Soavam como um sino, cada um deles. Nunca perdeu um, nunca teve problemas. Isso porque não comia bobagens e tinha uma boa escovação regular à noite e pela manhã. Ele se apoiou no cotovelo esquerdo e mexeu o braço direito para o lado da cama em busca da cadeira onde colocou o relógio e a corrente durante a noite. Não havia nenhuma cadeira ali — é claro, ele havia esquecido, não havia uma cadeira naquele miserável quarto de hóspedes. Teve que colocar aquela maldita coisa debaixo do travesseiro. Oito e meia, domingo, café da manhã às nove — hora do banho — seu cérebro tiquetaqueava com o relógio. Pulou da cama e foi até a janela. A veneziana estava quebrada e pendurada como um leque no vidro superior...

— Essa veneziana precisa ser consertada. Vou pedir ao menino do escritório para vir consertar tudo amanhã, quando voltar para casa. Ele leva jeito com as persianas. Pago dois centavos e ele conserta tão bem quanto um carpinteiro... Anna daria conta de fazer isso sozinha, se estivesse bem. Eu também, mas não gosto de subir em escada bamba.

Olhou para o céu: ele brilhava, estranhamente branco, sem nuvens; olhou para a fileira de jardins e quintais. A cerca desses jardins foi construída à beira de um barranco, atravessada por uma ponte suspensa de ferro, e as pessoas tinham o péssimo hábito de jogar suas latas vazias por cima da cerca, no barranco. Assim como eles, é claro! Andreas começou a contar as latas e decidiu, cruelmente, escrever uma carta aos jornais sobre o assunto e assiná-la — e assinar com o nome completo.

A criada saiu pela porta dos fundos para o pátio, carregando as botas dele. Jogou uma no chão, enfiou a mão na outra e a olhou, sugando as bochechas. De repente, ela se inclinou para a frente, cuspiu na biqueira e começou a polir com uma escova tirada do bolso do avental...

— Garota imunda! Só Deus sabe que infecções ela pode estar espalhando naquela bota. Anna tem que se livrar daquela garota, mesmo que tenha que ficar sem ajuda por um tempo, assim que estiver de pé novamente. O jeito que ela jogou uma bota no chão e depois cuspiu na outra! Ela não se importava nada com as botas que segurava. Nem tinha ilusões sobre o respeito devido ao dono da casa.

Ele se afastou da janela e tirou a toalha de banho da grade do lavatório, com o coração partido.

— Sou muito sensível para um homem, esse é meu problema. Tem sido desde o início e será até o fim.

Houve uma batida suave na porta e sua mãe entrou. Ela fechou a porta ao passar e encostou-se nela. Andreas notou que sua touca estava torta e uma longa cauda de cabelo pendia sobre seu ombro. Deu um passo em frente e a beijou.

— Bom dia, mãe; como está Ana?

A velha falou rapidamente, apertando e esfregando as mãos.

— Andreas, por favor, vá buscar o Dr. Erb assim que estiver vestido.

— Por quê? — perguntou ele. — Ela está mal?

Frau Binzer assentiu e Andreas, observando-a, viu seu rosto mudar repentinamente; uma fina rede de rugas parecia se esticar sob a superfície da pele.

— Sente-se na cama um pouco — disse ele. — Ficou acordada a noite toda?

— Sim. Não, não vou me sentar, vou voltar para ela. Anna sentiu dor a noite toda. Ela não quis te incomodar antes porque disse que você parecia muito abatido ontem. Você disse que pegou um resfriado e ela ficou muito preocupada.

Imediatamente Andreas sentiu que estava sendo acusado.

— Bem, ela me fez contar, estava preocupada comigo; sabe como ela faz.

Novamente *Frau* Binzer assentiu.

— Oh, sim, eu sei — disse. — Seu resfriado está melhor, e tem uma roupa íntima quente para você no canto esquerdo da gaveta grande.

Automaticamente, Andreas pigarreou duas vezes.

— Sim — ele respondeu. — Diga a ela que minha garganta já melhorou com certeza. Não devo incomodá-la, não é?

— Não, e além disso, se apresse, Andreas.

— Estarei pronto em cinco minutos.

Passaram pelo corredor. Quando *Frau* Binzer abriu a porta do quarto da frente, um longo gemido veio do quarto.

Isso chocou e aterrorizou Andreas. Correu para o banheiro, abriu as duas torneiras ao máximo, escovou os dentes e aparou as unhas enquanto a água corria.

— Situação terrível, situação terrível — ele se ouviu sussurrando. — E eu não consigo entender. Não é como se fosse o primeiro... é o terceiro. O velho Schäfer me disse ontem que a esposa dele simplesmente “deixou cair” o quarto. Anna deveria ter uma enfermeira qualificada. A mãe facilita pra ela. A mãe mima ela. Eu me pergunto o que a mãe quis insinuar ao dizer que eu preocupei Anna ontem. Belo comentário para fazer a um marido em um momento como este. Não tem freios na língua, suponho... e afetou minha sensibilidade novamente.

Quando ele foi à cozinha buscar as botas, a criada estava debruçada sobre o fogão, preparando o café da manhã. “Baforando na comida agora, né”, pensou Andreas, e foi muito ríspido com a garota. Ela não percebeu. Estava cheia de uma alegria aterrorizada e de interesse nos acontecimentos do andar de cima. Sentia que estava aprendendo os segredos da vida a cada respiração que dava. Tinha arrumado a mesa naquela manhã dizendo: “menino”, ao colocar o primeiro prato, “menina”, ao colocar o segundo. Com a colher de sal havia chegado a “menino”. “Se o assunto surgir eu vou comentar isso com o patrão, para, tipo, confortá-lo”, ela decidiu. Mas o patrão não lhe deu nenhuma abertura.

— Coloque uma xícara e um pires a mais na mesa — disse ele. — O médico pode querer um pouco de café.

— O médico, senhor? — A criada tirou uma colher da panela e derramou duas gotas de gordura no fogão. — Devo fritar algo a mais? — Mas o patrão tinha ido embora, batendo a porta atrás dele. Ele desceu a rua; não havia ninguém por perto, uma alma viva neste lugar numa manhã de domingo. Ao atravessar a ponte pênsil, um forte fedor de erva-doce e lixo apodrecido emanava da ravina, e mais uma vez Andreas começou a elaborar uma carta. Tomou a estrada principal. As venezianas ainda estavam fechadas diante das lojas. Pedacos de jornal, feno e cascas de frutas espalhavam-se pela calçada; as calhas estavam entupidas com os restos da

noite de sábado. Dois cães esparramados no meio do caminho, brigando e se mordendo. Apenas a taverna da esquina estava aberta; um jovem barman derramou água na soleira da porta.

Meticulosamente, com os lábios curvados, Andreas abriu caminho pela água. “Extraordinário como estou percebendo as coisas esta manhã. É parcialmente o efeito do domingo. Detesto os domingos em que Anna está de repouso e as crianças estão fora. No domingo, um homem tem o direito de ficar com sua família. Tudo aqui está imundo, todo o lugar pode estar infestado de peste, e estará, se esta rua não for varrida. Quisera eu ter uma mão nas rédeas do governo.” Ele endireitou os ombros. “Agora, o médico.”

— O doutor Erb está tomando café da manhã — informou a criada. Ela o conduziu até a sala de espera, um lugar escuro e bolorento, com algumas samambaias sob uma vitrine perto da janela. — Ele disse que não demorará um minuto, por favor, senhor, e aqui há papel sobre a mesa.

“Buraco imundo”, pensou Binzer, caminhando até a janela e tamborilando os dedos na persiana de vidro. “Tomando o café da manhã, não é? Esse foi o erro que cometi: sair cedo com o estômago vazio”.

Uma carroça de leite chacoalhava rua abaixo, o motorista parado atrás, estalando um chicote; ele usava uma imensa flor de gerânio presa na lapela do casaco. Ficou firme como uma rocha, curvando-se um pouco para trás na carroça que balançava. Andreas esticou o pescoço para observá-lo durante todo o caminho, mesmo depois de ele se afastar, ouvindo o som agudo das latas chacoalhando.

“Hum, que vida mansa a dele”, refletiu. “Eu não iria achar ruim experimentar essa vida. Acordar cedo, terminar o trabalho às onze, nada para fazer a não ser vadiar o dia todo até a hora da ordenha”. O que ele sabia ser um exagero, mas queria sentir pena de si mesmo.

A criada abriu a porta e ficou de lado para dar passagem ao doutor Erb. Andreas virou-se; os dois homens apertaram as mãos.

— Bem, Binzer — disse o médico jovialmente, tirando algumas migalhas de um colete cor de pérola — o filho e herdeiro está atazanando?

O ânimo de Binzer se elevou rapidamente. Filho e herdeiro, por Jove! Ele estava feliz por ter que lidar com um homem novamente. E um sujeito sensato, que se deparava com esse tipo de coisa todos os dias da semana.

— Algo assim, doutor — respondeu, sorrindo e pegando o chapéu.
— Mamãe me arrancou da cama hoje com ordens imperativas de levar o senhor.

— A charrete chegará em um minuto. Vamos voltar juntos, certo? Dia extraordinário e abafado; você já está vermelho como uma beterraba.

Andreas fingiu rir. O médico tinha um hábito irritante: imaginava que tinha o direito de zombar de todo mundo simplesmente porque era médico. “O homem é cheio de vaidade, como todos esses profissionais”, decidiu Andreas.

— Como *Frau* Binzer passou a noite? — perguntou o médico. — Ah, aqui está o carro. Diga-me no caminho. Sente-se o mais próximo possível do meio, sim, Binzer? Seu peso inclina um pouco para um lado, isso é o pior de vocês, homens de negócios de sucesso.

“Quase dez quilos mais pesado que eu, se não for mais”, pensou Andreas. “O homem pode estar bem em sua profissão, mas que os céus me defendam.

— Pode ir, minha linda. — O doutor Erb deu um tapinha na pequena égua marrom. — Sua esposa dormiu um pouco ontem à noite?

— Não, acredito que não — respondeu Andreas secamente. — Para dizer a verdade, estou insatisfeito com a falta de enfermeira.

— Oh, sua mãe vale uma dúzia de enfermeiras — exclamou o médico, com imenso entusiasmo. — Para dizer a verdade, não gosto de enfermeiras... cruas demais... cruas como bife de alcatra. Elas lutam por um bebê como se estivessem lutando com a Morte pelo corpo de Pátroclo... Já viu aquela imagem de um artista inglês. Leighton? Coisa maravilhosa, cheia de nervos!

“Lá vai ele de novo”, pensou Andreas, “expondo seu conhecimento para me fazer de bobo”.

— Agora sua mãe, ela é firme, é capaz. Faz o que mandam com muita simpatia. Repare nessas lojas ao redor: são feridas purulentas. Como diabos este governo pode tolerar...

— Não são tão ruins, são até boas. Só precisam de uma camada de tinta.

O médico assobiou uma musiquinha e deu um tapinha na égua novamente.

— Bem, espero que o juvenzinho não dê muitos problemas à mãe — disse ele. — Aqui estamos.

Um garotinho magrelo, que deslizava para cima e para baixo no banco de trás da carruagem, saltou e segurou a cabeça do cavalo. Andreas foi direto para a sala de jantar e deixou a criada levar o médico para o andar de cima. Ele sentou-se, pegou um pouco de café e mordeu meio pãozinho antes de servir-se de peixe. Então percebeu que não havia prato para o peixe — a casa inteira estava enlouquecida. Ele tocou a campainha, mas a criada entrou com uma tigela de sopa e um prato na bandeja.

— Eu guardei pro senhor no fogão — ela sorriu.

— Ah, obrigado, muito gentil da sua parte. — Enquanto ele engolia a sopa, seu coração derreteu por aquela garota idiota.

— Ah, que bom que o doutor Erb veio — comentou a criada, a ponto de explodir por um pouco de atenção

— Hm, hm — disse Andreas.

Ela esperou um momento, com expectativa, depois, revirando os olhos, com total aversão à humanidade, voltou para a cozinha e prometeu a si mesma ficar totalmente estéril.

Andreas limpou a tigela de sopa e comeu todo o peixe. Enquanto comia, a sala escureceu lentamente. Um vento fraco soprava e batia os galhos das árvores contra a janela. A sala de jantar dava para o quebra-mar do porto e o mar balançava pesadamente em ondas agitadas. O vento soprava pela casa, gemendo tristemente.

“Estamos prestes a enfrentar uma tempestade. Isso significa que estou encaixotado aqui o dia todo. Bem, há uma bênção; isso vai limpar o ar”. Ele ouviu a criada correndo pela casa, batendo as janelas. Então ele a viu no jardim, tirando panos de prato do varal do outro lado do gramado. Ela era trabalhadeira, disso não havia dúvida. Pegou um livro e empurrou a poltrona até a janela. Mas foi inútil. Muito escuro para ler; ele não gostava de forçar os olhos, e lamparinas às dez da manhã parecia absurdo. Então ele escorregou na cadeira, apoiou os cotovelos nos braços acolchoados e, pela primeira vez, sonhou acordado. “Um menino? Sim, desta vez seria um menino...”, “Como é a sua família, Binzer?”, “Oh, eu tenho duas meninas e um menino!”. Um pequeno número muito bonito. É claro que ele seria o último homem a ter um filho favorito, mas um homem precisava de um filho. “Estou ampliando os negócios para meu filho! Binzer e Filho!

Significaria viver muito apertado durante os próximos dez anos, cortando despesas o máximo possível; e então..."

Uma tremenda rajada de vento atingiu a casa, agarrou-a, sacudiu-a, deixou-a cair, apenas para agarrá-la com mais força. As ondas aumentaram ao longo do quebra-mar e o açoitavam com espuma quebrada. Pelo céu branco voavam serpentinhas esfarrapadas de nuvens cinzentas.

Andreas sentiu-se bastante aliviado ao ouvir o Dr. Erb descendo as escadas; ele se levantou e acendeu o gás.

— Se importa se eu fumar aqui? — perguntou o doutor Erb, acendendo um cigarro antes que Andreas tivesse tempo de responder. — Você não fuma, não é? Não tem tempo para se entregar a pequenos hábitos perniciosos!

— Como ela está agora? — perguntou Andreas, detestando o homem.

— Oh, bem, como se pode esperar, pobre alma. Ela implorou que eu descesse e desse uma olhada em você. Disse que sabia que estava preocupado. — Com olhos risonhos, o médico olhou para a mesa do café da manhã. — Conseguiu fazer uma boquinha, não é?

Vuuuuuuuuuuuu... Vuuuuuuu! gritou o vento, sacudindo os caixilhos das janelas.

— É uma pena, este tempo — disse o Dr. Erb.

— Sim, isso irrita Anna, e ela precisa apenas de coragem.

— Ei, o que é isso? — retrucou o médico. — Coragem! Homem de Deus! Ela tem o dobro da sua coragem e da minha em uma só. Coragem! Ela não é nada além de coragem. Uma mulher que trabalha como faz na casa e tem três filhos em quatro anos postos no mundo, por assim dizer!

Ele jogou o cigarro meio fumado na lareira e franziu a testa para a janela.

“Agora *ele* está me acusando”, pensou Andreas. “Essa é a segunda vez esta manhã: primeiro a mãe e agora este homem se aproveitando da minha sensibilidade.” Ele não tinha confiança em si mesmo para falar e tocou a campainha para a criada.

— Arrume as coisas do café da manhã — ele ordenou. — Não quero ver isso jogado na mesa até o jantar!

— Não seja duro com a garota — persuadiu o Dr. Erb. — Ela tem o dobro do trabalho para fazer hoje.

Com isso, a raiva de Binzer explodiu.

— Peço, doutor, para não se intrometer entre mim e meus criados!

— E ele se sentiu um idiota no mesmo momento por não dizer “criada”.

O doutor Erb não ficou perturbado. Ele balançou a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos e começou a se equilibrar na ponta dos pés e nos calcanhares.

— Você está incomodado com o tempo — disse ele ironicamente — nada mais. Uma grande pena, esta tempestade. Você sabe que o clima tem um efeito imenso no nascimento. Um belo dia traz vantagens para uma mulher, dá ânimo em seu trabalho. O bom tempo é tão necessário para um confinamento como para um dia de lavagem. Nada mal, essa minha última observação, para um dinossauro na profissão, não é?

Andreas não respondeu.

— Bem, voltarei à minha paciente. Por que você não dá um passeio e esfria a cabeça? É o que pode fazer.

— Não — ele respondeu — não farei isso; é muito descortês.

Ele voltou para sua cadeira perto da janela. Enquanto a criada limpava, ele fingiu ler... e pensou em seus sonhos! Parecia que fazia anos que não tinha tempo para sonhar assim, ele nunca teve espaço para respirar. Sobrecarregado de trabalho o dia todo e não conseguindo se livrar dele à noite como os outros homens. Além disso, Anna tinha interesse pelo assunto — eles não conversavam praticamente sobre nada além. Excelente mãe, ela também seria assim para um menino; tinha controle das coisas.

Os sinos das igrejas começaram a tocar no ar ventoso, ora soando como se viessem de muito longe, mas novamente como se todas as igrejas da cidade tivessem sido subitamente transplantadas para sua rua. Eles agitaram algo nele, aqueles sinos, algo vago e terno. Mais ou menos nessa hora, Anna chamava por ele do corredor. “Andreas, venha escovar seu casaco. Estou pronta.” Então eles saíam, ela pendurada em seu braço e olhando para ele. Ela certamente era uma coisinha. Ele se lembrou de ter dito uma vez, quando eles estavam noivos: “Tão alta quanto meu coração”, e ela pulou em um banquinho e abaixou a cabeça para ele, rindo. Uma criança naquela época, mais jovem que suas filhas em comportamento, mais brilhante, com mais “ímpeto” e “espírito” nela. A maneira como ela corria para encontrá-lo depois do trabalho! E o jeito que ela ria quando procuravam uma casa. Por Deus! Aquela risada dela! Ao se lembrar, ele

sorriu e depois ficou subitamente sério. O casamento certamente mudava muito mais uma mulher do que um homem. Isso sim é sobriedade. Ela havia perdido tudo aquilo em dois meses! Bem, uma vez que essa história de menino acabasse, ela ficaria mais forte. Começou a planejar uma pequena viagem para os dois. Ele a levaria e passeariam juntos em algum lugar. Afinal, caramba, eles ainda eram jovens. Ela entrou em um ritmo; ele teria que forçá-la a mudar, só isso.

Levantou-se e foi até a sala de estar, fechou a porta com cuidado e pegou a fotografia de Anna que estava em cima do piano. Ela usava um vestido branco com um grande laço feito de alguma coisa macia sob o queixo e estava parada, um pouco rígida, segurando um maço de papoulas e milho artificiais nas mãos. Ela parecia delicada mesmo naquela época; sua massa de cabelos lhe dava aquela aparência. Ela parecia tombar sob as tranças pesadas, mas ainda assim sorria. Andreas prendeu a respiração bruscamente. Ela era sua esposa, aquela garota. Elegante! Ele pediu sua mão há apenas quatro anos. Ele segurou a fotografia perto do rosto, inclinou-se e a beijou. Depois esfregou o vidro com as costas da mão. Naquele momento, mais fraco do que ouvira no corredor, mais aterrorizante, Andreas ouviu novamente aquele grito lamentoso. O vento apanhou-o num eco zombeteiro, soprou-o sobre os telhados das casas, rua abaixo, para longe dele. Ele abriu os braços:

— Estou terrivelmente indefeso — disse ele, e então, para a foto: — Talvez não seja tão ruim quanto parece; talvez seja apenas minha sensibilidade. — À meia-luz da sala, o sorriso pareceu aprofundar-se no retrato de Anna e tornar-se secreto, até cruel. — Não — ele refletiu —, esse sorriso não é de forma alguma a expressão mais feliz dela, era um erro deixá-la se entregar sorrindo daquele jeito. Ela não se parece com minha esposa, nem com a mãe do meu filho. — Sim, era isso, ela não parecia mãe de um filho que seria sócio da firma.

A foto o irritou; ele a segurava sob diferentes luzes, olhava para ela à distância, de lado, passava, depois disso pareceu a Andreas, uma vida inteira tentando se encaixar. Quanto mais olhava o retrato, mais profundo crescia seu desgosto por ele. Três vezes ele o levou até a lareira e decidiu jogá-lo atrás da grade de proteção; depois achou um absurdo desperdiçar uma moldura cara. Não adiantava rodeios. Anna parecia uma estranha,

anormal, uma aberração, poderia ser uma foto tirada pouco antes ou depois da morte.

De repente, ele percebeu que o vento havia diminuído, que toda a casa estava quieta, terrivelmente quieta. Frio e pálido, com uma sensação repugnante de que aranhas lhe subiam pela espinha e pelo rosto, ele ficou no centro da sala, ouvindo os passos do doutor Erb descendo as escadas.

Viu o doutor Erb entrar no aposento; a sala pareceu transformar-se numa grande tigela de vidro que girava, e o doutor Erb parecia nadar através dessa tigela de vidro em sua direção, como um peixinho dourado com um colete cor de pérola.

“Minha amada esposa faleceu!”, ele queria gritar antes que o médico falasse.

— Bem, desta vez ela deu à luz um menino! — disse o doutor Erb. Andreas cambaleou para frente. — Cuidado. Mantenha-se firme — disse o médico, agarrando o braço de Binzer e murmurando, ao senti-lo: — Mole que nem manteiga.

Um brilho se espalhou por Andreas. Ele estava exultante.

— Bem, por Deus! Ninguém pode me acusar de não saber o que é sofrer — disse ele.

A Criança-que-estava-cansada

Tradução: Elizabeth Sucupira

Ela estava apenas começando a caminhar por uma pequena estrada branca com árvores altas e pretas em ambos os lados, uma pequena estrada que não levava a lugar algum e onde ninguém caminhava, quando uma mão segurou seu ombro, chacoalhou-a e esbofeteou sua orelha.

— Oh, oh, me larga, — gritou a Criança-que-estava-cansada — Deixe-me em paz.

— Levanta, sua pirralha imprestável — disse a voz — levanta, acenda o fogão ou eu vou sacudir cada osso desse seu corpo.

Fazendo um esforço enorme, ela abriu os olhos e viu a *Frau* em pé, o bebê enrolado num dos braços. As outras três crianças que dividiam a mesma cama com a Criança-que-estava-cansada, acostumadas com o barulho, dormiam profundamente. Num canto do quarto, o Homem vestia os suspensórios.

— Você acha que pode dormir assim por toda a noite, como um saco de batatas? Você deixou o bebê molhar a cama duas vezes.

Ela não respondeu, mas amarrou a fita da anágua e abotoou o vestido xadrez com os dedos congelados e trêmulos.

— Já chega. Pegue o bebê e leve para a cozinha com você, es quente o café que está gelado na lamparina pro patrão, e dê a ele uma fatia do pão preto que está na gaveta da mesa. Não coma nada porque eu vou saber.

A *Frau* cambaleou pelo quarto e se jogou na cama ajeitando a almofada rosa atrás dos ombros.

Estava quase tudo escuro na cozinha. Ela colocou o bebê no banco de madeira, cobriu-o com um xale, despejou o café da jarra de barro para

aquecer na panela e colocou-a sobre a lamparina para ferver.

— Estou com sono — acenou a Criança-que-estava-cansada, ajoelhando-se no chão e partindo uma tora de madeira úmida em pedacinhos — Por isso que não estou desperta.

O fogão levou muito tempo para aquecer. Talvez porque estivesse gelado e sonolento, como ela... Talvez também tivesse sonhado com uma pequena estrada branca com árvores altas e pretas em ambos os lados, uma pequena estrada que não levava a lugar algum.

Até que a porta foi aberta com violência e o Homem entrou pisando forte.

— O que está fazendo sentada no chão? — gritou — Dá meu café. Preciso sair. Eca! Você nem limpou a mesa.

Ela ficou de pé rapidamente, serviu o café numa caneca esmaltada e deu a ele o pão com uma faca, depois pegou um trapo da pia e passou sobre a mesa de verniz preto manchado.

— Droga de dia, uma vida de porco — murmurou o Homem, sentado à mesa olhando para fora pela janela para o céu manchado, que parecia pesado sobre aquela terra monótona. Socou o pão na boca e depois engoliu tudo com o café.

A Criança pegou um balde de água, arregaçou as mangas, observou seus braços finos como se estivesse dando uma bronca por serem como gravetos e começou a esfregar o chão.

— Pare de encharcar tudo comigo aqui — resmungou o Homem. — Dê um jeito no choro do bebê, foi assim a noite inteira.

A Criança segurou o bebê no colo e, sentando-se, começou a balançá-lo.

— *Xi, xi, xi* — dizia ela — Está nascendo um dentinho, por isso está chorando sem parar. *E* babando. Nunca vi um bebê babar tanto. — Ela

limpou a boquinha e o narizinho com a barra da saia. — Alguns bebês o dente nasce e a gente nem vê — continuou ela — Outros ficam assim o tempo todo. Uma vez ouvi dizer de um bebê que morreu e encontraram todos os dentes no estômago.

O Homem se levantou, tirou a capa que estava pendurada atrás da porta e a jogou por cima de si.

— Tem outro vindo — disse ele.

— O quê? Um dente! — exclamou a Criança, escapando pela primeira vez naquela manhã daquele peso horrendo e conferindo com o dedo a boquinha do bebê.

— Não — disse ele sombriamente —, outro bebê. Agora, vá fazer seu trabalho; está na hora dos outros irem para escola.

Ela ficou parada por um tempo em silêncio, ouvindo os passos pesados no corredor de pedra, depois o caminho de cascalho e, finalmente, a batida do portão da frente.

“Outro bebê! Ela *ainda* não parou?”, pensou a Criança. “Dois bebês ganhando os caninos, dois bebês para me acordarem à noite, dois bebês para carregar e lavar roupinha emporcalhada!”. Olhou horrorizada para aquele nos seus braços, que parecia compreender o ódio que era destilado pelo olhar cansado, depois, fechou os punhos, esticou o corpo e começou a gritar violentamente.

— *Xi, xi, xi* — colocou o bebê no banco e voltou a limpar o chão. O bebê não parava de chorar nem por um momento, mas ela se acostumou com aquilo e continuou com sua vassoura. Ai, como ela estava cansada! Ai, o cabo pesado da vassoura e aquela queimação atrás do pescoço que doía muito e uma tremedeira estranha atrás da cintura, como se fosse quebrar.

O relógio bateu seis horas. Ela colocou a panela de leite no forno e foi até o outro quarto para acordar e vestir as três crianças. Anton e Hans

dormiam grudados, com uma amizade recíproca que certamente não existia enquanto estavam acordados. Lena estava encolhida, joelhos grudados no queixo, só se via um rabo de cavalo espetado para cima do travesseiro.

— Levantem — gritou a Criança, falando com uma voz repleta de autoridade, arrancando os lençóis, cutucando e empurrando os meninos. — Estou chamando vocês há meia hora. Já está tarde e eu vou dedurar se não se arrumarem nesse minuto.

Anton acordou e foi o suficiente para se virar e chutar Hans num local sensível, e Hans puxou o rabo de cavalo de Lena fazendo com que ela gritasse pela mãe.

— Ei, por favor, fique quieta — sussurrou a Criança. — Ó, levanta e coloca a roupa. Você sabe o que vai acontecer. Aqui, eu te ajudo.

Porém, o aviso chegou tarde demais. A *Frau* se levantou da cama, andou determinada até a cozinha e voltou com um feixe de gravetos na mão bem amarrados com uma corda. Uma por uma ela deitou as crianças nos joelhos e espancou severamente, deixando uma explosão de força no final para a Criança-que-estava-cansada, depois voltou para a cama, com a sensação confortável de ter cumprido com seus deveres de mãe para que o dia entrasse nos eixos. Bastante domados, os três colaboraram e deixaram a Criança lavá-los, vesti-los e até amarrar os cadarços das botas. Ela já sabia por experiência que se deixasse para eles amarrarem, iriam pular por pelo menos cinco minutos para enfiar o pé na bota e depois iriam cuspir nas mãos e rasgar os cadarços.

Enquanto ela servia o café da manhã, eles começaram a ficar barulhentos e o bebê não parava de chorar. Ela encheu de leite a mamadeira de lata, amarrou o bico de borracha e o molhou um pouco, tentando com palavras carinhosas fazê-lo beber, mas ele jogou a mamadeira no chão e tremeu todo.

— Caninos! — gritou Hans, batendo na cabeça de Anton com a caneca vazia — ele está com os danados dos caninos nascendo.

— Espertinho — retrucou Lena, dando língua para ele, e quando ele respondeu fazendo a mesma coisa, a menina chorou copiosamente. — Mãe, Hans está mostrando a língua para mim!

— Tudo bem, — disse Hans — pode continuar choramingando, e quando você estiver de noite na cama, vou esperar você dormir, chegar bem perto, pegar um pedacinho do seu braço e torcer todo até... — Ele estava inclinado sobre a mesa fazendo as piores caras para Lena sem perceber que Anton estava em pé atrás da cadeira até que o menino cuspiu na cabeça raspada dele.

— Ei, ei!

A Criança-que-estava-cansada empurrou e separou os meninos e jogou os casacos em cima dos dois e colocou todos para fora de casa.

— Rápido, rápido! O segundo sino já tocou — apressou ela, que sabia perfeitamente que estava inventando uma história, e muito satisfeita com isso. Ela lavou tudo do café da manhã, depois desceu até o porão para ver como estavam as batatas e beterrabas.

Era um lugar gelado e engraçado o depósito de carvão. Batatas guardadas num canto, beterrabas numa velha caixa de velas, dois potes de chucrute e uma massa retorcida de inhame — aquilo parecia tão real como se estivessem brigando umas com as outras, foi o que pensou a Criança.

Ela juntou as batatas na saia, escolhendo as maiores, com poucos defeitos, porque seriam mais fáceis de descascar, e, se debruçando sobre a triste pilha de comidas no silencioso depósito, começou a cochilar.

— Ei, você, o que está fazendo aí embaixo? — gritou a *Frau* do alto da escada. — O bebê caiu do banco e está com um galo na testa do tamanho de um ovo. Sobe já aqui que eu vou te dar uma lição!

— Não fui eu, não fui eu! — esbravejou a Criança, esbarrando de um lado e do outro do corredor de modo que batatas e beterrabas caíram da sua saia.

A *Frau* parecia grande como um gigante, e havia um certo peso em seus movimentos que eram aterrorizantes para qualquer pequeno.

— Senta no canto, descasca e lava os legumes e deixa esse bebê quieto enquanto eu lavo o chão.

Ela obedeceu a contragosto, no entanto, manter o bebê quieto era uma missão impossível. O rosto dele estava quente, havia pequenas gotas de suor imóveis em toda a cabeça, ele enrijecia o corpo todo e chorava. Ela o segurou no colo com uma bacia de água fria ao lado para lavar os vegetais e um balde para as cascas.

— *Xi, xi, xi!* — grunhiu ela, lavando entediada —; vem outro por aí e você não pode ficar chorando. Por que não dorme logo, bebê? Eu dormiria se fosse você. Vou te contar um sonho. Era uma vez uma pequena estrada branca...

Ela jogou a cabeça para trás, sentiu um nó na garganta e lágrimas desceram sobre a face caindo sobre os vegetais.

— Assim não dá — disse a Criança, enxugando as lágrimas — Pare de chorar até eu acabar isso, bebê e eu levo você para passear.

Porém, naquele momento, precisava terminar a faxina da *Frau*. Um vento soprou ali. Na ponta dos pés, no jardim, ela sentiu que poderia ser levada pela ventania. Um cheiro ruim vinha do viveiro dos patos, que já estava pela metade com água cheia de cocô, mas no campo, distante dali, viu a grama nascendo como cabelinhos verdes. E ela lembrou de ter ouvido falar de uma criança que passou o dia inteiro brincando no campo, com linguiça de verdade e cerveja para o jantar, sem nem um pingaço de cansaço.

Quem teria contado a ela tal história? Ela não conseguia se lembrar e mesmo assim parecia tão natural.

Levava tapinhas no rosto das roupas molhadas enquanto as pendurava no varal. Dançava e balançava acompanhando a corda, que torcia e se retorcia. Voltou para a casa com passos lentos, olhando com desejo para a grama do campo.

— Com licença, o que devo fazer agora? — perguntou ela.

— Arruma as camas e coloca o colchão do bebê na janela, depois pega o carrinho e leva o bebê para dar uma volta na estrada. Olha, na frente de casa pra eu te ver. Não fique assim boquiaberta! Depois volta assim que eu chamar para me ajudar a cortar a salada.

Depois de terminar as camas, a Criança parou e olhou para elas. Delicadamente, ela acariciou o travesseiro, e por um breve instante, descansou sua cabeça ali. Novamente, o nó na garganta, as lágrimas teimosas que caíam e insistiam em escorrer pelo seu rosto enquanto ela arrumava o bebê e o levava para passear no carrinho de um lado para o outro na estrada.

Um homem passou numa carroça de boi. Ele usava uma pena comprida e esquisita no chapéu e ia assobiando pelo caminho. Duas meninas carregando trouxas nos ombros vinham da cidadezinha — uma usava um lenço vermelho na cabeça, a outra, um lenço azul. Estavam rindo e iam de mãos dadas pela estrada. Depois o sol apareceu por detrás de uma nuvem pesada e cinza e irradiou uma luz amarela e quente sobre todos.

— Talvez — pensou a Criança-que-estava-cansada —, se fosse bem longe por essa estrada eu poderia chegar naquele caminhozinho branco, com árvores pretas bem altas dos dois lados; a estradinha.

— A salada, a salada! — gritou a *Frau* de dentro da casa.

Logo os meninos chegaram da escola, o jantar foi servido, o Homem pegou o pudim da *Frau* depois de já ter devorado o seu e as três crianças ficaram completamente lambuzadas de comida. Mais louça para lavar, mais limpeza e cuidados do bebê e assim a tarde terminava friamente.

A velha *Frau* Grathwohl chegou com um pedaço de carne de porco fresca para a *Frau* e a Criança ouviu as duas fofocando.

— A *Frau* Manda foi numa “missão para Roma”, ontem à noite, e trouxe de volta uma filha. Como você está se sentindo?

— Passei mal duas vezes hoje cedo — disse a *Frau*. — Meu bucho está retorcido com um filho atrás do outro

— Estou vendo que tem uma ajudante nova — comentou a velha Mãe Grathwohl.

— Valha-me, Deus! — a *Frau* baixou o tom da voz. — Não sabe quem é? É a menina sem pai, da garçonete da estação. Pegaram a mãe tentando esmagar a cabeça dela com uma jarra de porcelana e a criança tem algum problema.

— *Xi, xi, xi!* — sussurrou a “menina sem pai” para o bebê.

Conforme o dia avançava, a Criança-que-estava-cansada não tinha mais forças para lutar contra o sono. Estava com receio de sentar ou ficar parada em pé. Quando se acomodou para o jantar, o Homem e a *Frau* pareciam aumentar de tamanho, mas depois ficavam menores que bonecas com vozes bem baixas que pareciam vir do lado de fora da janela. Olhando para o bebê, de repente viu duas cabeças, depois, parecia não ter nenhuma. Até o choro dele fazia ela se sentir pior. Quando lembrou que o horário de ir para a cama se aproximava, ficou agitada e alegre. Porém, já se aproximava das oito da noite, quando ouviu o som de rodas na estrada e logo chegou um grupo de amigos para passar a noite.

Começou assim:

— Passa café.

— Traz a lata do açúcar.

— Busca as cadeiras que estão no quarto.

— Arruma a mesa.

Finalmente, a *Frau* a mandou ir para o quarto ao lado para manter o bebê quieto.

Havia uma vela pequena acesa no suporte esmaltado. Enquanto ela andava para cima e para baixo, viu que a grande sombra na parede era como se fosse de uma pessoa adulta com um bebê crescido. Nem imaginava como seria quando fosse carregar dois bebês de uma só vez!

— *Xi, xi, xi!* Era uma vez um tempo quando ela estava caminhando por uma estradinha branca, ora, com árvores pretas grandes de ambos os lados.

— Ei, você! — chamou a voz da *Frau*. — Pega pra mim o casaco novo que está atrás da porta. — Quando ela o pegou e entrou no quarto aquecido uma das mulheres disse:

— Ela parece uma coruja. Essas crianças raramente têm a cabeça no lugar.

— Por que você não acalma o bebê? — disse o Homem, que já tinha bebido cerveja o suficiente para ficar atrevido e agir como o senhor da própria casa. — Se você não fizer o bebê parar de chorar, eu vou te dar uma lição mais tarde.

Eles se acabaram de rir quando ela voltou tropeçando para o quarto.

— Nem a Virgem Maria ia conseguir deixar ele quieto — murmurou. — Será que Jesus também chorava assim quando era pequeno? Se eu não estivesse tão cansada eu daria conta; mas o bebê sabe que eu preciso dormir. Agora, ainda vai chegar outro.

Ela jogou o bebê na cama e ficou parada olhando para ele aterrorizada.

Do quarto ao lado se ouvia o som dos copos de vidro e das risadas calorosas.

De repente ela teve uma ideia maravilhosa.

Ela riu pela primeira vez naquele dia e bateu palmas.

— *Xi, xi, xi!* — disse ela. — Deite-se aí, bobinho, você vai dormir. Não vai chorar mais ou ficar acordando de noite. Engraçadinho, pequeninho, bebê feiozinho.

Ele abriu os olhos e gritou bem alto bem na frente da Criança-que-estava-cansada. Do quarto ao lado, ela ouviu quando a *Frau* a chamou pedindo ajuda.

— Um momento, ele está quase dormindo — gritou.

Então, gentilmente, sorrindo e na ponta dos pés, ela pegou a almofada rosa da cama da Senhora e cobriu o rosto do bebê, pressionando com toda força enquanto ele lutava “como um pato sem cabeça se contorcendo”, ela pensou.

Ela deixou escapar um longo suspiro, depois, caiu no chão, e começou a caminhar pela pequena estrada branca com árvores altas e pretas em ambos os lados, uma estradinha que não levava a lugar algum, e por onde não havia nenhuma pessoa caminhado, ninguém.

A dama ousada

Tradução: Tatiana Fernandes Guedes

— Você acha que devemos convidá-la para vir conosco? — disse *Fräulein* Elsa, refazendo seu laço rosa diante do espelho. — Sabe, embora seja tão intelectual, sinto que ela guarda alguma tristeza secreta. E Lisa contou-me esta manhã, enquanto arrumava meu quarto, que ela passa horas e horas sozinha, escrevendo. Na verdade, Lisa disse que ela está escrevendo um livro! Deve ser por isso que nunca faz questão de estar conosco e tem tão pouco tempo para o marido e a criança.

— Bem, faça *você* o convite — eu disse. — Eu nunca falei com a senhora.

Elsa corou levemente.

— Só falei com ela uma vez — confessou. — Levei um buquê de flores silvestres ao seu quarto, e ela atendeu a porta vestindo um robe branco, os cabelos soltos. Nunca me esquecerei daquele momento. Ela apenas pegou as flores, e eu ouvi, pois a porta não estava totalmente fechada, enquanto caminhava pelo corredor, eu a ouvi dizer, “pureza, fragrância, a fragrância da pureza e a pureza da fragrância!”. Foi maravilhoso!

Nesse momento, *Frau* Kellermann bateu à porta.

— Estão prontas? — disse, entrando no quarto e acenando cordialmente com a cabeça. — Os cavalheiros estão esperando na escada, e eu convidei a Dama Ousada a vir conosco.

— Ah, que extraordinário — exclamou Elsa. — Mas, agora mesmo a *gnädige Frau* e eu estávamos debatendo se...

— Sim, eu a vi saindo de seu quarto, e ela disse estar encantada com a ideia. Como todas nós, ela nunca esteve em Schlingen. Ela está lá embaixo agora, falando com *Herr* Erhardt. Acho que nossa tarde será deliciosa.

— Fritzi também está esperando? — perguntou Elsa.

— Claro que sim, querida menina, tão impaciente quanto um homem faminto ouvindo a sineta que anuncia o jantar. Corra!

Elsa correu, e *Frau* Kellermann sorriu para mim, de maneira expressiva. No passado, ela e eu raramente nos falamos, pois seu “único resquício de alegria”, o pequeno e charmoso Karl, nunca teve sucesso em reacender a chama das fagulhas de maternidade que supostamente devem brilhar muito no altar do coração de toda mulher de respeito. Mas, em vista de nossa jornada premeditada, nos tornamos agradavelmente cordiais.

— Para nós — disse ela — a alegria será em dobro. Poderemos assistir à felicidade dessas duas queridas crianças, Elsa e Fritz. Eles receberam as cartas de bênçãos de seus pais só ontem de manhã. É muito estranho, mas sempre que estou na companhia de casais que acabaram de noivar, eu floresço. Noivados recentes, mães com seus primeiros bebês e leitos de morte natural têm exatamente o mesmo efeito em mim. Vamos encontrar os outros?

Eu queria perguntar por que leitos de morte natural fariam qualquer pessoa florescer, mas apenas respondi que sim.

Fomos recebidas pelo pequeno grupo de hóspedes de “cura” nos degraus da pensão, com exclamações de alegria e empolgação que anunciaram tão prazerosamente nossa singela excursão alemã. *Herr* Erhardt e eu não tínhamos nos encontrado antes, então, de acordo com o costume rigoroso da pensão, nos perguntamos quantas horas dormimos à noite, se tivemos bons sonhos, a que hora despertamos, se o café da manhã

estava fresco quando o serviram e como passamos a manhã. Depois de enfrentarmos a escadaria passando por praticamente uma prova de polidez, chegamos, triunfantes e sorridentes, e pausamos para tomar fôlego.

— E agora — disse *Herr* Erhardt — tenho uma ótima surpresa para vocês. *Frau* Professor se juntará a nós esta tarde. Sim — acenando com cabeça para a Dama Ousada —, deixe-me apresentá-las.

Fizemos uma reverência muito formal e nos olhamos com o que se chama de “olhos de águia”, mas que é muito mais propriedade das mulheres do que da ave quase inofensiva.

— Acho que você é inglesa? — disse ela, e eu assenti. — Estou lendo muitos ótimos livros ingleses agora, quer dizer, eu os estou estudando.

— Oh — exclamou *Herr* Erhardt. — Vejam só! Já existe um vínculo! Eu decidi conhecer Shakespeare em sua língua mãe antes de morrer, mas você, *Frau* Professor, já deve estar imersa nos poços do pensamento inglês!

— Do que já li, não acho que os poços são muito profundos — disse ela.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

— Não — ele respondeu —, ouvi dizer algo assim..., mas não vamos amargar o passeio da nossa amiguinha inglesa. Falaremos disso em outro momento.

— Então, estamos prontos? — gritou Fritz, que, de pé, segurava o cotovelo de Elsa em sua mão, no fim da escada. Imediatamente percebemos que Karl havia se perdido.

— Ka-rl, Karl-chen! — gritamos. Não houve resposta.

— Mas ele estava aqui agora mesmo — disse *Herr* Langen, um jovem pálido e cansado, que estava se recuperando de um ataque de nervos

devido a muita filosofia e pouca nutrição. — Ele estava sentado aqui, mexendo nas engrenagens do seu relógio com um grampo de cabelos!

Frau Kellermann se aproximou dele.

— Quer dizer, meu querido *Herr Langen*, que você não impediu a criança?

— Não — disse *Herr Langen*. — Eu tentei impedi-lo antes.

— *Da*, essa criança tem tanta energia, seu cérebro nunca está em paz. Se não está fazendo uma coisa, está certamente fazendo outra!

— Talvez ele esteja mexendo no relógio da sala de jantar agora — sugeriu *Herr Langen*, abominavelmente esperançoso.

A Dama Ousada sugeriu que eu fosse com ele.

— Eu nunca levo minha filhinha para caminhadas — disse ela. — Eu a acostumei a ficar sentada quieta eu meu quarto do momento que saio até minha volta!

— Ali está ele, ali está ele — exclamou Elsa, e Karl foi visto escorregando pelo tronco de uma castanheira, a árvore com os piores galhos.

— Eu ouvi o que vocês disseram sobre mim, *mumma* — confessou enquanto *Frau Kellermann* sacudia suas roupas com as mãos. — Não é verdade isso do relógio. Eu estava apenas olhando para ele, e a garotinha nunca fica no quarto. Ela mesma me disse que sempre vai até a cozinha e...

— *Da*, já chega — disse *Frau Kellermann*.

Partimos *en masse* pela rua da estação. Era uma tarde muito quente, e vários grupos de hóspedes de “cura”, que estavam arejando sua digestão em silêncio nos jardins da pensão, gritavam em nossa direção, perguntando se íamos caminhar, e dizendo: — *Herr Gott*, boa jornada — com imenso alívio mal disfarçado quando mencionamos Schlingen.

— Mas são oito quilômetros — gritou um velho com barba branca, que se apoiava na cerca enquanto se abanava com um lenço amarelo.

— Sete e meio — respondeu curtamente *Herr Erhardt*.

— Oito — gritou o sábio.

— Sete e meio!

— Oito!

— O homem é louco — disse *Herr Erhardt*.

— Bem, deixe-o ser louco em paz — disse eu, cobrindo as orelhas com as mãos.

— Não devemos permitir que tamanha ignorância não seja corrigida — disse ele e, voltando-se para nós, exausto demais para gritar novamente, ergueu sete dedos e meio.

— Oito — trovejou o barba-branca, com imaculado vigor.

Ficamos muito sérios e não nos recuperamos até chegarmos a uma placa que indicava sair da rua e seguir a trilha pelo campo — sem pisar em mais grama do que fosse necessário. Interpretamos como “seguir em fila única”, o que era angustiante para Elsa e Fritz. Karl, como uma criança feliz, corria adiante e cortava o máximo de flores possível com o cabo do guarda-sol de sua mãe, seguido pelos outros três, então eu e os pombinhos atrás. E, acima da conversa do grupo à frente, eu tinha o privilégio de ouvir estes deliciosos sussurros.

Fritz: — Você me ama?

Elsa: — Nossa, sim.

Fritz, apaixonadamente: — Mas quanto?

Ao que Elsa nunca respondeu, devolvendo com: — Quanto *you* me ama?

Fritz escapou dessa armadilha muito cristã dizendo “Perguntei primeiro”. Ficou tudo tão confuso que passei à frente de *Frau Kellermann* e

caminhei com a tranquila certeza de que ela estaria florescendo e eu não tinha obrigação alguma de informar nem aos meus entes queridos a capacidade precisa de meus afetos.

— Que direito eles têm de fazerem essas perguntas no dia seguinte à chegada das cartas de bênçãos? — refleti. — Que direito eles têm de sequer se questionarem? Amor que se transforma em noivado e casamento é puramente uma questão de afirmação; eles estão usurpando os privilégios de quem sabe mais e melhor!

Os limites do campo chegavam a uma imensa floresta de pinheiros — que parecia muito agradável e fresca. Outra placa implorava para que seguíssemos na trilha mais larga para Schlingen e colocássemos nosso lixo de papel e cascas de frutas nos cestos de metal presos aos bancos para esse fim. Nos sentamos no primeiro banco e Karl, com grande curiosidade, explorou o cesto de metal.

— Eu amo florestas — disse a Dama Ousada, sorrindo de maneira lamentável para ninguém. — Em uma floresta, meus cabelos já parecem se mover, lembrando algo de sua origem selvagem.

— Mas, falando literalmente — disse *Frau* Kellermann, depois de uma pausa apreciativa — não há nada melhor do que o ar dos pinheiros para o couro cabeludo.

— Ora, *Frau* Kellermann, não acabe com a magia — disse Elsa.

A Dama Ousada olhou para ela com muita empatia.

— Você também encontrou o coração mágico da Natureza? — perguntou

Era a deixa para *Herr* Langen.

— A natureza não tem coração — disse de maneira amarga e ríspida, como fazem pessoas filosofadas demais e alimentadas de menos. — Ela cria para que possa destruir. Ela come para que possa regurgitar e

regurgita para que possa comer. É por isso que nós, que somos forçados a esculpir uma existência sob sua força, consideramos o mundo louco e nos damos conta da vulgaridade da produção.

— Rapaz — interrompeu *Herr* Erhardt — você nunca viveu e você nunca sofreu!

— Oh, desculpe-me, mas como o senhor pode saber?

— Eu sei por que você me disse e pronto. Volte a este banco em dez anos e repita essas palavras para mim — disse *Frau* Kellermann, com um olho em Fritz, que se ocupava em contar os dedos de Elsa com fervor apaixonado — e traga sua jovem esposa com você, *Herr* Langen, e observe, talvez, seu filho brincando com... — ela se voltou para Karl, que tinha removido do cesto um velho papel ilustrado e estava soletrando um anúncio para crescimento da Belos Seios.

A frase ficou sem terminar. Decidimos seguir em frente. Conforme penetrávamos na floresta, nossos espíritos se elevavam, chegando a um ponto em que começaram a cantar. Na parte dos três homens, “*O Welt, wie bist du wunderbar!*”, a voz mais baixa foi sustentada com precisão por *Herr* Langen, que tentou, sem sucesso, inserir sátira nisso, de acordo com sua “visão de mundo”. Eles caminharam na frente e nos deixaram para que os seguíssemos, animados e felizes.

— Agora é a oportunidade — disse *Frau* Kellermann. — Querida *Frau* Professor, conte-nos um pouco sobre seu livro.

— Aff, como você sabia que estou escrevendo? — exclamou de maneira divertida.

— Elsa, aqui, ouviu de Lisa. E nunca conheci pessoalmente uma mulher que estivesse escrevendo um livro. E como você consegue encontrar ideias suficientes para escrever?

— Isso nunca é o problema — disse a Dama Ousada. Ela segurou o braço de Elsa e se apoiou nele gentilmente. — O problema é saber quando parar. Há anos meu cérebro está tumultuado, e cerca de três meses atrás as águas represadas inundaram minha alma e, deste então, escrevo o dia todo e até tarde da noite, ainda encontrando inspirações e pensamentos novos que batem suas impacientes asas em meu coração.

— É um romance? — perguntou timidamente Elsa.

— Claro que é um romance — disse eu.

— Como pode ter tanta certeza? — disse *Frau* Kellermann, me olhando com dureza.

— Porque nada além de um romance poderia produzir um efeito assim.

— Ai, não briguem — disse a Dama Ousada com doçura. — Sim, é um romance, sobre a Mulher Moderna. Pois para mim parece que é a hora da mulher. Ela é misteriosa e quase profética, é o símbolo da verdadeira mulher ousada: não uma daquelas criaturas violentas que negam seu sexo e sufocam suas frágeis asas sob... sob...

— As medidas inglesas? — disse *Frau* Kellermann.

— Eu não pretendia dizer algo assim. Em vez disso, sob o mentiroso traje da falsa masculinidade!

— Que distinção sutil! — murmurei.

— Quem então — perguntou *Fräulein* Elsa, olhando com adoração para a Dama Ousada —, quem você considera a mulher verdadeira?

— Ela é a encarnação do Amor compreensivo!

— Mas, minha querida *Frau* Professor — protestou *Frau* Kellermann — você deve se lembrar de que as pessoas têm poucas oportunidades de exhibir Amor dentro do círculo familiar hoje em dia. O marido cuida dos negócios o dia todo, e naturalmente deseja dormir quando

volta para casa. Os filhos saem do colo e vão para a universidade antes que seja possível mimá-los!

— Mas amor não é uma questão de mimo — disse a Dama Ousada.
— Ele é a luminária contida no colo, tocando com serenos raios todas as alturas e profundezas da...

— África mais escura — murmurei levianamente.

Ela não ouviu.

— O erro que cometemos no passado, enquanto sexo — disse ela — foi não compreender que nossos dons de doação são para o mundo todo. Nós somos o feliz sacrifício de nós mesmas!

— Oh! — exclamou Elsa em êxtase, quase explodindo em dons com cada respiração. — Como eu entendo isso! Você sabe que, desde que Fritz e eu noivamos, compartilho o desejo de doar a todos, de compartilhar tudo!

— Isso é extremamente perigoso — disse eu.

— É apenas a beleza do perigo ou o perigo da beleza — disse a Dama Ousada — e aí está o núcleo do meu livro: que a mulher não é nada além de um dom.

Eu sorri para ela com muita doçura.

— Você sabe — eu disse —, eu também gostaria de escrever um livro, sobre a conveniência de cuidar de filhas e levá-las para caminhadas e mantê-las fora de cozinhas!

Eu acho que os elementos masculinos devem ter sentido essas vibrações raivosas: eles pararam de cantar e, juntos, saímos da floresta para ver Schlingen logo abaixo, acomodada entre um círculo de colinas, as casas brancas brilhando sob a luz do sol, “para o mundo todo como ovos no ninho de um pássaro”, como declarou *Herr Erhardt*. Descemos até Schlingen e pedimos leite, sopa e pão na Pousada do Veado de Ouro, um lugar muito simpático, com mesas em um jardim de rosas, onde frangas e galinhas

corriam soltas, até pousavam nas mesas vazias e ciscavam os pontinhos vermelhos das toalhas. Partimos o pão nas tigelas, colocamos a sopa e mexemos com colheres de madeira, sob o olhar do taberneiro e de sua esposa.

— Que clima esplêndido! — disse *Herr* Erhardt, sacudindo sua colher na direção do taberneiro, que deu de ombros. — O quê? Você não acha esplêndido?

— Como queira — disse o taberneiro, obviamente desdenhando.

— Uma caminhada tão bela — disse *Fräulein* Elsa, oferecendo seu sorriso mais charmoso como um dom para a senhora.

— Eu nunca caminho — disse a senhoria. — Quando vou a Mindelbau, meu marido me leva. Tenho coisas mais importantes a fazer com minhas pernas do que arrastá-las pela poeira!

— Eu gosto dessas pessoas — confessou *Herr* Langen para mim. — Eu gosto muito, muito delas. Acho que vou reservar um quarto aqui para todo o verão.

— Por quê?

— Oh, porque eles moram perto da terra e, portanto, a desprezam.

Ele afastou sua tigela de sopa e acendeu um cigarro. Nós comemos, focados e sérios, até que aqueles sete quilômetros e meio até Mindelbau se estenderam diante de nós como uma eternidade. Até mesmo o ativo Karl ficou tão satisfeito que se deitou no chão e removeu seu cinto de couro. Elsa de repente se inclinou para Fritz e sussurrou algo, e ele, depois de ouvi-la e perguntar se ela o amava, se levantou e fez um pequeno discurso.

— Nós... nós queremos celebrar nosso noivado... pedindo a vocês que voltemos todos na carroça do taberneiro, se coubermos!

— Oh, que ideia nobre e bela! — disse *Frau* Kellermann, dando um suspiro de alívio que ruidosamente estourou dois botões.

— É meu presentinho — disse Elsa para a Dama Ousada, que, em virtude de três porções, quase derramou lágrimas de gratidão.

Esmagados na carroça camponesa e conduzidos pelo taberneiro, que mostrava seu desprezo pela mãe terra cuspidando selvagememente de quando em quando, nós sacudimos de volta para casa e, quanto mais perto estávamos de Mindelbau, mais amávamos o lugar e uns aos outros.

— Devemos fazer muitas excursões assim — disse *Herr* Erhardt para mim, — pois é possível realmente conhecer alguém nos arredores simples ao ar livre: compartilhando as mesmas alegrias, sentimos a amizade. Como é que seu Shakespeare diz? Um momento, eu me lembro. “Os amigos que tenhas, já postos à prova, prende-os a tua alma com grampos de aço!”

— Mas — disse eu, sentindo-me muito amigável com ele — o problema com minha alma é que ela se recusa a prender quem quer que seja, e eu tenho certeza de que o peso morto de um amigo já posto à prova a mataria imediatamente. Nunca que ela mostrou o menor sinal de um grampo!

Ele chocou-se contra meus joelhos e pediu desculpas em seu nome e da carroça.

— Minha querida mocinha, você não deve entender a citação de modo literal. Naturalmente, uma pessoa não está fisicamente consciente dos grampos; mas grampos há na alma dele ou dela que ama seus iguais... Veja esta tarde, por exemplo. Como começamos? Como estranhos, você pode pensar em dizer, e ainda, todos nós, como voltamos à casa?

— Em uma carroça — disse o único resquício de alegria, que estava no colo da mãe e sentia-se enjoado.

Contornamos o campo pelo qual havíamos caminhado, passando pelo cemitério. *Herr* Langen chegou à beira do assento e cumprimentou os

túmulos. Ele estava sentado ao lado da Dama Ousada, dentro do abrigo de seu ombro. Eu a ouvi murmurar:

— Você parece um menino com seus cabelos soltos ao vento.

Herr Langen, um pouco menos amargo, observou os últimos túmulos sumirem. E eu a ouvi murmurar:

— Por que você está tão triste? Eu também fico muito triste algumas vezes, mas... você parece jovem o suficiente para que eu ouse dizer isso, eu também sei muito sobre a felicidade!

— O que você sabe? — disse ele.

Eu me inclinei e toquei a mão da Dama Ousada.

— Não foi uma ótima tarde? — falei, em tom de pergunta. — Mas sabe, aquela sua teoria sobre mulheres e amor é tão antiga quanto as colinas, até mais velha!

Da rua veio um repentino grito de triunfo. Sim, ali estava ele novamente: barba branca, lenço de seda e entusiasmo inabalado.

— O que eu disse? São oito quilômetros!

— Sete e meio! — gritou *Herr* Erhardt.

— Por que então voltaram de carro? Devem ser oito quilômetros.

Herr Erhardt fez uma concha com as mãos e ficou de pé na saltitante carroça enquanto *Frau* Kellermann segurava seus joelhos

— Sete e meio!

— A ignorância deve ser corrigida! — eu disse à Dama Ousada.

O balanço do pêndulo

Tradução: Julia Kohlrausch da Rosa

A senhoria bateu na porta.

— Entre. — disse Viola.

— Chegou uma carta para você — a senhoria comentou. — Uma carta especial. — Ela retirou o envelope verde de um dos bolsos de seu avental sujo.

— Obrigada. — Viola, ajoelhada no chão enquanto atiçava as brasas de seu fogãozinho empoeirado, estendeu a mão. — Alguma resposta?

— Não. O mensageiro foi embora.

— Ah, tudo bem! — Ela não olhou para o rosto da senhoria; estava envergonhada por não pagar o aluguel e se perguntava com desânimo, sem esperança alguma, se a mulher reclamaria novamente.

— Sobre o dinheiro que me deve... — a senhoria começou.

“Ah, Deus, lá vai ela!”, pensou Viola, dando as costas para a mulher e fazendo careta para o fogão.

— Ou você paga, ou vai embora! — a senhoria levantou a voz, gritando. — A proprietária sou eu e sou uma mulher respeitável, caso não saiba. Não quero piolhos na minha casa, entrando escondidos em meus móveis e comendo tudo. É o dinheiro ou você sai daqui até amanhã ao meio-dia.

Viola sentiu, mas não viu, o gesto da mulher. Ela estendeu o braço de uma maneira estúpida e desesperada, como se um pombo sujo tivesse voado em seu rosto de repente.

“Besta velha e imunda! Ugh! E fede como se fosse queijo velho e roupa molhada e mofada.”

— Muito bem! — Viola respondeu rapidamente. — Vou pagar ou sairei amanhã. Tudo bem, não grite.

Chegava a ser extraordinário, sempre que essa mulher chegava perto dela, ela sentia o corpo tremer, os sons daqueles pés chatos subindo as escadas a enojavam, mas, quando estavam frente a frente, sentia-se imensamente calma e indiferente e não conseguia entender o porquê de se preocupar tanto com dinheiro, nem o porquê de sair de casa nas pontas dos pés, deixando a porta entreaberta para caso a proprietária a ouvisse fechá-la e gritasse algo terrível, nem o porquê de passar as noites de um lado para o outro em seu quarto, andando para lá e para cá, fitando seu reflexo trágico no espelho e dizendo: “Dinheiro, dinheiro, dinheiro!” Quando estava sozinha, sua pobreza era como uma gigantesca montanha irreal na qual seus pés estavam enraizados, sofrendo com a dor de seu tamanho, mas, quando se tratava de uma ação definitiva, sem tempo para imaginar, sua montanha se reduzia a um caso de “tapar o nariz” brutalmente efêmero, que deveria ser enfrentado o mais rápido possível, com raiva e um forte senso de superioridade.

A senhoria saiu do quarto, batendo a porta atrás dela de modo que a madeira tremeu e chacoalhou, como se tivesse ouvido a conversa e simpatizado com a velha megera.

Agachada sobre os calcanhares, Viola abriu a carta. Era de Casimir:

Estarei com você às três horas da tarde e devo sair novamente à
noite.

Tenho novidades para quando nos encontrarmos.

Espero que esteja mais feliz do que eu. — CASIMIR.

— Rá! Que generoso. — ela zombou. — E condescendente. Muito gentil da sua parte, sério! — Ela se levantou, amassando a carta em suas mãos. — E como você vai saber que ficarei aqui esperando sua boa vontade até as três horas da tarde? — Mas ela sabia que ficaria; sua raiva não era inteiramente sincera. Ela ansiava por ver Casimir, pois desta vez acreditava que o faria entender a situação...

— Do jeito que está, é intolerável. Intolerável! — murmurou.

Eram dez horas da manhã de um dia cinzento, curiosamente iluminado por pálidos raios de sol. Penetrado pelos feixes de luz, o quarto de Viola parecia desarrumado e sujo. Ela fechou as cortinas, mas elas deixavam um brilho persistente e esbranquiçado, igualmente ruim. A única coisa viva do cômodo era um jarro de jacintos dados de presente pela filha da senhoria: estava sobre a mesa, exalando um perfume doentio pelas pétalas volumosas; havia até mesmo ricos botões desabrochando e as folhas brilhavam como óleo.

Viola foi até o lavatório, despejou um pouco de água na bacia esmaltada e esfregou uma esponja pelo rosto e pescoço. Ela mergulhou o rosto na água, abriu os olhos e balançou a cabeça de um lado para o outro — muito revigorante. Ela fez isso três vezes. “Imagino que poderia me afogar se ficasse debaixo d’água por tempo suficiente”, pensou ela. “Quanto tempo será que leva para ficar inconsciente?... Já li sobre mulheres que se afogaram em baldes. Quanto ar deve entrar pelas orelhas? Será que a bacia precisa ser tão funda quanto um balde?” Ela experimentou: segurou o lavatório com as duas mãos e afundou a cabeça na água devagar, quando novamente bateram na porta. Dessa vez, não era a senhoria. Devia ser Casimir. Com o rosto e os cabelos pingando e o corpete desabotoado, ela correu e abriu a porta.

Um homem estranho estava encostado no batente. Ao vê-la, abriu bem os olhos e sorriu encantadoramente.

— Com licença, *Fräulein* Schäfer mora aqui?

— Não, nunca ouvi falar. — O sorriso dele era tão contagiante que ela também sorriu, sentindo-se refrescada e rosada após lavar o rosto.

O estranho pareceu assoberbado pelo choque.

— Não? — ele indagou. — Ah, você quer dizer que ela saiu!

— Não, ela não mora aqui. — Viola insistiu.

— Mas... Perdão, um momento. — Ele se afastou do batente da porta, parando bem em frente a Viola. Ele desabotoou o paletó e retirou um bilhete de papel do bolso, alisando a folha com os dedos enluvados antes de entregá-lo a ela.

— Sim, é este o endereço, está certo, mas o número deve estar errado. Há muitos alojamentos nessa rua, sabe, e são todos tão grandes.

Gotas de água escorreram de seu cabelo e pingaram no bilhete. Ela começou a rir.

— Ah, como devo estar *horrível*. Um momento!

Ela correu de volta para o lavatório e pegou uma toalha. A porta ainda estava aberta..., mas não havia mais nada a ser dito. Por que ela pediu para ele esperar um momento? Ela enrolou a toalha nos ombros e voltou para a porta, repentinamente séria.

— Sinto muito, mas não conheço esse nome. — disse, em uma voz aguda.

— Também devo me desculpar. Você mora aqui há muito tempo? — o estranho perguntou.

— É... Sim... Bastante tempo. — Ela foi fechando a porta lentamente.

— Bem, tenha um bom dia, muito obrigado. Espero não ter sido um incômodo.

— Bom dia.

Ela o ouviu voltar de onde veio, fazendo uma pausa para acender um cigarro. Sim, o aroma leve e delicioso da fumaça de cigarro permeou o quarto dela. Ela abriu outro sorriso ao sentir a fragrância. Ora, que interlúdio fascinante! Ele parecia tão incrivelmente feliz: com roupas pesadas e luvas grandes e abotoadas; o cabelo perfeitamente arrumado... e aquele sorriso... “alegre”, era essa a palavra — era apenas um garoto bem alimentado, como se o mundo fosse seu parquinho. Pessoas como ele faziam bem para os outros, causavam uma “renovação” ao serem vistas. Tão *sãs* — sãs e consistentes. São pessoas em quem se pode confiar, elas nunca teriam um impulso louco desde o dia que nasceram até o dia que morressem. E a Vida estava em sintonia com elas, colocando-as em seu colo, e com razão, também. Naquele momento, Viola notou a carta de Casimir amassada no chão e o sorriso desapareceu. Olhando para a carta, começou a trançar o cabelo enquanto um sentimento de raiva a invadia, parecia estar trançando a carta em sua mente, prendendo-a firmemente na cabeça... Era óbvio que, durante todo este tempo, isso foi o erro. Isso o quê? Ah, a terrível seriedade de Casimir. Se ela estivesse feliz no dia em que se conheceram, nunca teria dado atenção para ele, mas ambos eram como dois pacientes em uma mesma ala de hospital, um encontrando conforto na doença do outro — que doce início para um episódio de amor! O infortúnio fez com que suas cabeças batessem: eles se olharam, atordoados com o choque e se compadeceram... “Como queria poder ver nosso relacionamento de fora e apenas julgá-lo, dessa forma encontraria uma saída. Tenho certeza de que estava apaixonada por Casimir... Ah, seja sincera de uma vez.” Ela se jogou na cama e escondeu o rosto no

travesseiro. “Eu não estava apaixonada. Eu queria alguém que cuidasse de mim, que me ajudasse até meu trabalho começar a vender, e ele afasta problemas com outros homens. O que teria acontecido se ele não tivesse aparecido? Eu teria gastado minha miserável ninharia, e então... Sim, foi assim que decidi, pensando nesse ‘então’. Ele era a única solução. Então, acreditei nele. Achei que o trabalho dele só precisaria ser reconhecido uma única vez e ele ficaria rico. Pensei que talvez fôssemos pobres apenas por um mês..., mas ele disse que, se ao menos pudesse me ter, seu estímulo... seria engraçado se não fosse tão trágico! Aconteceu exatamente o oposto, ele não publica nada há meses, nem eu, mas eu não esperava. Sim, a verdade é que sou rígida e amarga, não tenho fé nem amor por homens fracassados. Sempre acabo desprezando-os, assim como desprezo Casimir. Imagino que seja o orgulho selvagem de uma mulher que gosta de pensar que o homem a quem ela se entregar deva ser, de fato, um grande cara. Mas ficar cozinhando nessa casa nojenta enquanto Casimir vasculha o mundo na esperança de encontrar uma porta editorial aberta é humilhante. Não nasci para a pobreza, floresço entre gente alegre, que nunca se preocupa.”

A figura do homem estranho se destacou em sua mente, ele não poderia ser descartado.

“Aquele era o homem para mim, afinal de contas — um homem sem preocupações que me daria tudo o que quisesse e com quem sempre teria a sensação de estar viva e em contato com o mundo. Eu nunca quis lutar para sobreviver, apenas me foi imposto. Honestamente, há uma fonte de felicidade em mim que está secando, pouco a pouco, nesta existência odiosa. Morrerei se isto continuar... e...”, ela se remexeu na cama e estendeu os braços para cima, “... quero paixão, e amor, e aventura, anseio por isso. Por que eu deveria ficar e apodrecer aqui? Eu já estou apodrecendo!” ela choramingou, confortando-se com o som de sua voz

trêmula. “Mas, se eu contar tudo isso a Casimir quando ele chegar esta tarde e ele disser: ‘Pode ir’ — como ele certamente fará —, outra coisa que detesto nele é como sempre está sob meu controle —, o que devo fazer então? Para onde devo ir?” Não havia lugar nenhum. “Não quero trabalhar ou trilhar meu próprio caminho. Quero facilidade e qualquer oportunidade de me aconchegar no colo do luxo. Só há uma coisa na qual seria perfeita, que é ser uma grande cortesã.” Mas ela não sabia como fazer isso. Estava com medo de ir para as ruas, ouviu falar de coisas horríveis que aconteciam com essas mulheres, como homens com doenças ou caloteiros, além disso, a ideia de um homem desconhecido todas as noites... não, impossível, de forma alguma. “Se eu tivesse roupas para ir até um hotel chique, encontraria um homem rico... como o homem estranho desta manhã. Ele seria o ideal. Ah, se eu tivesse o endereço dele, garanto que o encantaria. Eu o faria rir o dia todo e o faria me dar rios de dinheiro...” Ao pensar nisso, ela se sentiu mais leve e confortável. Sonhava com uma casa maravilhosa, com armários lotados de roupas e perfumes. Ela se imaginou entrando em carruagens, olhando para o estranho com um olhar misterioso e sedutor — ela praticou o olhar, deitada na cama —, nunca mais precisaria se preocupar, intoxicada de felicidade. Essa era a vida que deveria levar. Bem, deveria deixar Casimir sair em sua caça aos ovos dourados naquela noite e, enquanto ele estivesse fora... O quê? Ah, é mesmo, ainda bem que lembrou..., o aluguel deveria ser pago antes do meio-dia da manhã seguinte, e ela não tinha dinheiro nem para uma refeição decente. Ao pensar em comida, ela sentiu uma pontada no estômago, como se o vazio estivesse a secando por dentro. Sentia-se terrivelmente faminta, tudo culpa de Casimir, e o homem de mais cedo vivia do bom e do melhor desde que nasceu. Ele aparentava poder pedir um jantar magnífico. Ah, por que não jogou suas melhores cartas? Ele foi enviado pela Providência e ela o

desprezou. “Se eu pudesse voltar no tempo, estaria com a vida ganha.” E, em vez de um homem comum que havia falado com ela no batente da porta, a mente de Viola criou uma imagem reluzente e risonha, que a trataria como rainha... “Só há uma coisa que não suportaria: que fosse grosseiro ou vulgar. Bem, ele não era assim — obviamente era um homem do mundo —, e a maneira com que ele se desculpou... tenho fé suficiente em meu potencial e beleza para saber que poderia fazer com que um homem me tratasse exatamente como desejo ser tratada.” Aquele doce aroma da fumaça do cigarro flutuou até seus sonhos e ela se lembrou de que não ouviu ninguém descer as escadas de pedra. Seria possível que o homem estranho ainda estivesse lá? Era um pensamento absurdo demais, a vida não prega peças como essa e, no entanto, Viola tinha plena consciência da proximidade dele. Ela se levantou sem fazer barulho, buscou um longo robe branco de trás da porta e o abotoou — sorrindo maliciosamente. Ela não sabia o que poderia acontecer. Apenas pensou: “Ah, que divertido!” e que iriam jogar um jogo delicioso, aquele homem e ela. Com muita delicadeza, ela girou a maçaneta da porta, mantendo uma expressão séria e mordendo o lábio ao ouvir a fechadura estalar. Obviamente, lá estava ele, encostado no corrimão. Ele deu espaço para ela se esgueirar pela passagem.

— *Da* — ela murmurou, dobrando o robe bem apertado em volta de si. — Preciso descer e pegar lenha. *Brr!* Que frio!

— Não há lenha — afirmou o estranho. Ela soltou um gritinho de espanto, e depois girou a cabeça.

— Você de novo! — disse ela com escárnio, consciente do olhar alegre dele e do odor fresco e forte de seu corpo saudável.

— A senhoria gritou que não havia mais lenha. Acabei de vê-la sair para comprar mais.

“Que mentira!”, Viola teve vontade de gritar. Ele chegou bem perto, parou sobre ela e sussurrou:

— Você não vai me pedir para terminar o cigarro no seu quarto?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você pode, se quiser!

Durante aquele momento juntos no corredor, um milagre havia acontecido. O quarto de Viola estava totalmente diferente, tomado por uma luz agradável e com a fragrância de flores de jacinto. Até a mobília parecia diferente, instigante. Por um momento rápido, ela se lembrou de sua infância, brincando de mímica, quando um lado saía da sala e entrava novamente para encenar uma palavra, exatamente o que ela fazia agora. O estranho foi até o fogão e sentou-se na poltrona. Ela não queria que ele falasse ou se aproximasse dela, vê-lo no quarto, seguro e feliz, era suficiente. Ah, como estava faminta pela proximidade de alguém como ele, que não sabia nada sobre ela, não fazia exigências, simplesmente vivia. Viola correu até a mesa e envolveu o pote de jacinto com os braços.

— Lindo! Lindo! — gritou ela, enterrando a cabeça nas flores, sentindo o perfume intenso. Por cima das folhas, ela olhou para o homem e riu.

— Você é uma engraçadinha — ele comentou, em um tom preguiçoso.

— Por quê? Por amar flores?

— Eu preferiria que você gostasse de outras coisas. — disse o homem estranho, lentamente. Viola arrancou uma pétala rosada e sorriu para ela.

— Permita-me enviar-lhe algumas flores — o homem estranho pediu. — Enviarei o suficiente para encher o quarto, se quiser.

A voz dele a assustou um pouco.

— Ah, não, obrigada. Esta já é suficiente para mim.

— Não, não é — ele provocou.

“Que comentário estúpido!” Viola pensou e, observando-o novamente, ele não parecia tão alegre. Ela notou que os olhos dele estavam muito juntos e eram muito pequenos. Um pensamento horrível, que ele deveria provar não ser verdade.

— O que você faz durante o dia? — ela perguntou, às pressas.

— Nada.

— Nada mesmo?

— Por que eu deveria fazer alguma coisa?

— Ah, não imagine nem por um segundo que condeno tal filosofia, apenas parece bom demais para ser verdade!

— O quê? — ele se inclinou para frente. — O que parece bom demais para ser verdade? — Não havia como negar, ele parecia estúpido.

— Imagino que sua busca por *Fräulein* Schäfer não ocupe todos os seus dias.

— Ah, não — ele abriu um grande sorriso. — E é bom demais! Por Deus, não! Dirijo bastante... você gosta de cavalos?

Ela assentiu.

— Adoro cavalos.

— Você precisa dar umas voltas comigo. Tenho um lindo casal acinzentado. Você aceita?

“Eu ficaria linda empoleirada neles com meu único chapéu”, ela pensou. Mas, em voz alta, disse:

— Eu adoraria. — A aceitação fácil de Viola agradou o estranho.

— Que tal amanhã? — ele sugeriu. — Almoce comigo amanhã e podemos passear de carro.

No fim das contas, isso era apenas um jogo.

— Claro, não estou ocupada amanhã — ela respondeu.

O quarto ficou em silêncio momentaneamente, e então o homem estranho deu um tapinha contra a perna.

— Por que você não vem aqui e se senta? — ele convidou.

Ela fingiu não ver e se sentou à mesa.

— Ah, estou bem aqui.

— Não, você não está — provocou novamente. — Venha, sente-se no meu colo.

— Ah, não — ela respondeu sinceramente, agora ocupada com seus cabelos.

— Por que não?

— Eu não quero.

— Ora, venha — ele chamou, impaciente.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Eu sequer sonharia com algo assim.

Com isso, ele se levantou e foi até ela.

— Gatinha engraçada! — Ele ergueu uma mão para tocar no cabelo dela.

— Não faça isso — ela alertou e se afastou da mesa. — E-eu acho que já é hora de você ir embora. — Ela estava bastante assustada agora, pensando: “Preciso me livrar desse homem o mais rápido possível.”

— Ah, você não quer que eu vá.

— Sim, quero, estou muito ocupada.

— Ocupada. O que a gatinha faz durante o dia?

— Muitas e muitas coisas! — Ela queria empurrá-lo para fora da sala e bater a porta na cara dele, que decepção idiota, tola e cruel.

— Por que a gatinha está franzindo a testa? — ele perguntou. — Está preocupada com alguma coisa? — E, de repente, ele usou um tom mais

sério. — Quero dizer, sabe, você está com alguma dificuldade financeira? Você quer dinheiro? Eu lhe dou, se quiser!

“Dinheiro! Agente firme, Viola, não perca a cabeça!”, ela alertou para si mesma.

— Eu lhe dou duzentos marcos se você me beijar.

— Ah, não! Que condição! Não queiro beijá-lo, não gosto de beijos. Por favor, vá embora!

— Sim, você gosta! Sim, você gosta. — Ele segurou os braços dela acima dos cotovelos. Ela se debateu, surpresa ao perceber a raiva que sentia.

— Me solte! Agora! — ela gritou. Ele envolveu o corpo dela com um braço e a puxou para si, aquele braço parecia uma barra de ferro em suas costas.

— Me deixe em paz! Me escute! Não seja cruel! Eu não queria que isso acontecesse quando o convidei para o meu quarto. Como você se atreve?

— Me beije e vou embora!

Foi muita estupidez. Ela esquivou-se daquele rosto estúpido e sorridente.

— Não vou beijá-lo! Seu bruto! Não vou! — De alguma forma, ela se desvencilhou dos braços dele e correu para a parede, encostando-se contra ela, respirando pesado.

— Saia! — ela gaguejou. — Vamos, saia!

Naquele momento, quando ele não estava a tocando, ela se divertiu bastante. Ela se emocionou com sua própria voz, irritada. “E pensar que eu poderia falar com um homem assim!” Um rubor de raiva se espalhou pelo rosto dele, os lábios curvando-se para trás, mostrando os dentes, “Exatamente como um cachorro”, pensou Viola. Ele correu até ela e a

pressionou contra a parede, usando todo o peso do corpo. Dessa vez, ela não conseguiu escapar.

— Não vou beijá-lo. Não vou. Pare com isso! Você parece um cachorro, deveria roçar contra postes de luz, sua besta, seu demônio!

Ele não respondeu. Com a mais absurda determinação estampada no rosto, ele a pressionava cada vez mais. Ele nem mesmo olhava para ela, mas repetia, em uma voz ríspida:

— Fique quieta. Fique quieta.

— Droga! Por que homens são tão fortes? — Ela começou a chorar. — Vá embora, eu não o quero, criatura suja. Quero matá-lo. Ah, por Deus! Se eu tivesse uma faca...

— Não seja boba, venha, seja boazinha. — Ele a arrastou em direção à cama.

— Você acha que sou uma mulher fácil? — ela esbravejou, aproximando-se dele e cravando os dentes em sua luva.

— Ai! Não me morda, você está me machucando!

Ela não o soltou, mas agradecia a si mesma: “Graças a Deus eu pensei nisso.”

— Pare agora mesmo, sua megera, sua vadia. — Ele a jogou para longe. Com alegria, ela observou os olhos dele cheios de lágrimas. — Você realmente me machucou — ele reclamou com uma voz trêmula.

— É claro que machuquei. Era minha intenção. Isso não é nada comparado com o que farei se me tocar novamente.

O estranho pegou seu chapéu.

— Não, obrigado — ele recusou, sério. — Não me esquecerei disto. Falarei com sua senhoria.

— Ah, não! — Ela deu de ombros e riu. — Vou dizer a ela que você forçou sua entrada e tentou me agredir. Em quem ela acreditará? Em você,

com uma mão mordida? Vá procurar sua Schäfers.

Uma sensação gloriosa e intoxicante de felicidade dominou Viola. Ela revirou os olhos na direção dele.

— Se você não for embora nesse instante, vou mordê-lo novamente. — disse ela, e as palavras absurdas a fizeram rir. Mesmo após a porta bater, ouvindo-o descer as escadas, ela ria e dançava pelo quarto.

Que manhã! Ah, ela merece palmas! Foi sua primeira briga, e ela venceu. Ela conquistou aquela fera, sozinha. Suas mãos ainda estavam trêmulas. Ela puxou a manga do vestido para cima, notando as grandes marcas vermelhas em seus braços. “Minhas costelas ficarão roxas. Ficarei toda roxa”, refletiu. “Se apenas meu querido Casimir tivesse nos visto.” E o sentimento de raiva e desgosto contra Casimir havia desaparecido. O que seu pobre querido poderia fazer se não tinha dinheiro? A culpa era tanto dela quanto dele e ele, assim como ela, estava afastado do mundo, lutando contra o mundo, que nem ela. Se ao menos as três horas da tarde chegassem logo. Ela se viu correndo na direção dele, envolvendo seu pescoço com os braços.

— Ah, meu abençoado! É claro que venceremos. Você ainda me ama? Fui horrível nos últimos dias.

Uma chama

Tradução: Tatiana Fernandes Guedes

— Max, seu tolo, vai quebrar o pescoço se continuar descendo a pista desse jeito. Chega, vamos tomar um café comigo na Club House.

— Chega por hoje. Estou ensopado. Ei, me dê um cigarro, Victor, meu velho. Quando você vai para casa?

— Ainda falta uma hora. A tarde está agradável e estou entrando em forma. Cuidado, saia da pista. Aí vem *Fräulein Winkel*. Muito elegante a maneira como ela conduz o trenó!

— Estou gelado. O pior daqui é isto, a neblina, o frio é úmido. Ei, Forman, cuide deste trenó e coloque-o de maneira que eu possa pegá-lo sem precisar olhar cento e cinquenta trenós parecidos amanhã de manhã.

Eles sentaram-se a uma mesa redonda perto do fogo e pediram café. Victor se esparramou na cadeira, fazendo carinho em seu pequeno cão marrom, Bobo, e olhando para Max com um meio sorriso.

— Qual o problema, meu querido? O mundo não está bom e belo?

— Quero meu café e quero aquecer meus pés, estão como pedras ... nada para comer, obrigado. O bolo aqui parece borracha.

Fuchs e Wistuba chegaram e sentaram-se à mesa. Max se virou um pouco e esticou os pés na direção do forno. Os outros três homens começaram a falar ao mesmo tempo, sobre o clima, a melhor pista, a boa condição de Wald See para patinar.

De repente, Fuchs olhou para Max, ergueu as sobrancelhas e apontou com a cabeça para Victor, que sacudiu a cabeça em negação.

— O bebê não está bem — ele disse, dando pedacinhos de um cubo de açúcar para o cachorro marrom — e ninguém deve perturbá-lo. Eu sou

enfermeiro.

— É a primeira vez que o vejo pálido — disse Wistuba. — Sempre imaginei que ele tivesse a melhor parte deste mundo, que não poderia ser tirada dele. Acho que ele reza para o bom Deus por tê-lo poupado de ser levado para casa em sete pedaços esta noite. É um jogo de tolos arriscar tudo dessa maneira e deixar a nação desolada.

— Chega — disse Max. — Você deveria ser conduzido pela neve em um carrinho de bebê.

— Ah, sem ofensa, eu espero. Não fique bravo... Como está sua esposa, Victor?

— Nada bem. Machucou a cabeça descendo a pista com Max no domingo. Eu avisei a ela que ficasse em casa o dia todo.

— Sinto muito. Vocês vão voltar para a cidade ou ficarão por aqui?

Fuchs e Victor disseram que ficariam, Max não respondeu, mas permaneceu sentado e imóvel, enquanto os homens pagavam pelos cafés e saíam. Victor voltou por um instante e colocou a mão sobre o ombro do amigo.

— Se você já vai voltar, meu querido, eu gostaria que procurasse Elsa e dissesse que voltarei muito tarde. E venha comer conosco hoje à noite em Limpold, sim? E beba algo quente quando voltar.

— Obrigado, velho amigo, estou bem. Vou voltar agora.

Ele ficou de pé e se alongou, abotoou o pesado casaco e acendeu outro cigarro.

Da porta, Victor o observou caminhando pela pesada neve — de cabeça baixa — as mãos enfiadas nos bolsos —, ele quase parecia estar correndo pela densa neve em direção à cidade.

Alguém subiu correndo as escadas, parou à porta de sua sala e bateu.

— É você, Victor? — ela perguntou.

— Não, sou eu... posso entrar?

— Claro. Nossa, se não é o Papai Noel! Pendure seu casaco no hall e sacuda suas roupas na soleira. Se divertiu?

A sala estava repleta de luz e calor. Elsa, em um vestido de veludo branco, tinha as pernas encolhidas no sofá, um livro de moda no colo, uma caixa de biscoitos ao seu lado.

As cortinas ainda não tinham sido fechadas, uma luz azul penetrava, e podia-se ver os brancos galhos das árvores.

Os aposentos de uma mulher, cheios de flores e fotografias e almofadas de seda, o chão coberto por tapetes; uma imensa pele de tigre sob o piano, apenas a cabeça de fora, selvagem e sonolenta.

— Até que foi bom — disse Max. — Victor voltará tarde e pediu que eu lhe avisasse.

Ele começou a caminhar de um lado para outro, removeu as luvas e as jogou sobre a mesa.

— Não faça isso, Max — disse Elsa —, você me irrita. E eu estou com dor de cabeça hoje; estou com febre e muito corada... não pareço corada?

Ele pausou ao lado da janela e a fitou por cima do ombro por alguns instantes.

— Não — ele disse —, eu não notei.

— Ah, você não olhou para mim direito, e estou usando um vestido novo, também. — Ela recolheu sua saia e deu um tapinha no assento do

sofá. — Venha, sente-se comigo e conte-me por que você está me provocando.

Mas, de pé ao lado da janela, ele de repente cobriu os olhos com os braços.

— Ah, não consigo, estou acabado, estou exausto, estou esgotado — disse ele.

Silêncio no cômodo. O livro de moda caiu no chão com um leve farfalhar de folhas. Elsa sentou-se ereta, as mãos cruzadas sobre o colo. Seus olhos brilhavam de maneira estranha, sua boca parecia tingida de vermelho.

Então, disse calmamente.

— Venha aqui e explique-se. Eu não faço ideia do que você está falando.

— Você sabe, você sabe muito melhor do que eu. Você só brincou com Victor em minha presença para que eu me sentisse pior. Você me atormentou, você me instigou, oferecendo-me tudo e nada. Foi uma brincadeira de gato e rato do início ao fim e nunca, por nenhum momento, eu estive inconsciente disso, e nunca, por nenhum momento, eu pude suportar.

Ele virou-se deliberadamente.

— Você quer dizer que, quando me pediu para prender as flores em seu vestido de noite, quando me deixou entrar em seu quarto enquanto Victor estava fora e você arrumava os cabelos, quando fingiu ser uma bebê e me deixou alimentá-la com uvas direto em sua boca, quando correu até mim e apalpou todos os meus bolsos procurando um cigarro, sabendo perfeitamente bem onde eu os guardava e ainda assim vasculhando todos os bolsos, e eu também sabendo... eu mantendo a farsa. Você quer dizer que,

agora que finalmente acendeu a fogueira, vai encontrar algo pacífico e prazeroso e vai evitar que a casa inteira pegue fogo?

Ela ficou pálida e puxou o ar com força.

— Não fale assim comigo. Você não tem o direito de falar assim comigo. Eu sou a esposa de outro homem.

— Rá — ele riu, debochado, jogando a cabeça para trás — é tarde demais no jogo, e esse tem sido seu trunfo o tempo todo. Você só ama Victor como no princípio do gato com o leite: você é um pobre gato faminto e ele deu a você tudo o que levava no peito, nunca sonhando que essas pequenas garras rosadas poderiam arrancar o coração de um homem.

Ela se mexeu, olhando para ele com o que parecia ser medo.

— Bem, este é meu quarto. Eu vou precisar pedir que você saia — ela disse, sem firmeza.

Mas ele caminhou até ela, ajoelhou-se ao lado do sofá, enterrou a cabeça em seu colo, passou os braços ao redor de sua cintura.

— E eu *amo* você. Amo você, que humilhação, eu adoro você. Não, não, deixe-me ficar aqui por um minuto, apenas um momento em toda uma vida, Elsa! Elsa!

Ela se inclinou para trás e apoiou a cabeça nas almofadas.

Com a voz abafada, ele disse:

— Sinto-me como um selvagem. Eu quero seu corpo inteiro. Eu quero levar você para uma caverna e amá-la até matá-la. Você não pode entender como um homem se sente. Eu me mato quando a vejo, eu tenho ódio da minha própria força que se volta sobre si mesma e morre, e renasce como uma Fênix das cinzas dessa horrível morte. Me ame apenas desta vez, conte uma mentira, *diga* que você me ama. Você está sempre mentindo.

Em vez disso, ela o afastou, com medo.

— Levante-se — disse. — E se a criada viesse trazer o chá?

— Ah, pelos deuses — ele ficou de pé com dificuldade, encarando-a. — Você é podre até o centro, assim como eu. Mas é tão bela.

A mulher foi até o piano, parou ali, tocou uma nota, as sobrancelhas unidas. Então deu de ombros e sorriu.

— Vou fazer uma confissão. Cada palavra que você disse é verdadeira. Não consigo evitar. Não consigo evitar buscar sua admiração, como um gato não pode evitar pedir carinho às pessoas. É minha natureza. Nasci fora do meu tempo. E, você sabe, eu não sou uma mulher *comum*. Eu gosto que os homens me adorem, me elogiem, até que façam amor comigo, mas eu não me entregaria a nenhum homem. Eu nunca deixaria um homem me beijar... nunca.

— É imensamente pior, você não tem uma desculpa legítima. Até mesmo uma prostituta tem maior senso de generosidade!

— Eu sei — disse ela — sei perfeitamente bem, mas não posso evitar minha constituição... Você vai embora?

Ele vestiu as luvas.

— Bem, o que vai acontecer conosco agora? — perguntou ele.

Novamente, ela deu de ombros.

— Não tenho a menor ideia. Nunca tenho, apenas deixo as coisas acontecerem.

— Sozinha? — exclamou Victor. — Max esteve aqui?

— Ele ficou apenas por alguns instantes e nem aceitou um chá. Eu o mandei embora para que trocasse de roupas... Ele estava um tédio.

— Minha pobre querida, seus cabelos estão se soltando. Vou arrumá-los, fique parada por um instante... então você estava entediada?

— Sim, terrivelmente... ai, você espetou um grampo na cabeça de sua esposa, seu pestinha!

Ela passou os braços ao redor do seu pescoço e olhou para ele, sorrindo de lado, como uma linda e amorosa criança.

— Deus, que mulher você é — disse o homem. — Você me deixa terrivelmente orgulhoso, querida, isso... isso eu posso dizer!

Sobre este projeto

Há alguns meses era aluna de um curso de tradução na LabPub, uma instituição de ensino a distância, quando surgiu uma dúvida entre os colegas: como um iniciante começa a fazer o seu nome no mercado e monta um portfólio?

Discutindo o assunto em um grupo de WhatsApp da turma, uma das sugestões foi de fazermos uma tradução de um texto em domínio público e publicar de forma independente. Até aí, tudo bem. Acontece que publicar um livro vai além de traduzir, e é nesse ponto que um bom trabalho de texto pode se perder por erros que seriam detectados em etapas futuras (sim, existem muitas etapas posteriores à tradução).

Pensamos, então, em um projeto de tradução conjunta de contos em domínio público, passando por todas as etapas editoriais tradicionais, de preparação, revisões e edição. Já que estávamos com a mão na massa, pensamos: por que não fazer também a capa?

O que resultou dessa ideia foi um livro feito com todo amor e carinho, tradução da obra de uma autora incrível. Visitar (ou revisitar) os textos de Katherine Mansfield é sempre um prazer, e nesse caso gostamos tanto que esse já é o segundo dos projetos relacionados à autora sobre o qual nos debruçamos.

Como segundo livro publicado, é de se esperar que já tenhamos aprendido os caminhos e que tudo corra mais tranquilamente. Não, não é assim. Claro que estávamos mais seguros, mais tranquilos com o trabalho com o texto, mas sempre aparecem novidades. Os prazos funcionaram melhor. Não atrasamos tanto, os textos saíram mais fáceis, porém, nesse projeto em específico, nos deparamos com termos em alemão que seriam importantes para dar o tom da autora. Espero que tenhamos conseguido.

O primeiro livro que traduzimos, *A festa no jardim e outras histórias*, está também disponível em ebook na plataforma Amazon.

Vanessa Rodrigues Thiago

